

ATA DA PRIMEIRA SESSÃO ESPECIAL DA QUARTA SESSÃO LEGISLATIVA
ORDINÁRIA DA DÉCIMA OITAVA LEGISLATURA, EM 15-5-2024.

Aos quinze dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte e quatro, reuniu-se, presencialmente, na Sede da Associação Médica do Rio Grande do Sul - AMRIGS, a Câmara Municipal de Porto Alegre. Mauro Pinheiro, presidindo, prestou esclarecimentos sobre as condições do Palácio Aloísio Filho e comunicou que seria cedida a palavra a todos os vereadores, pelo tempo de cinco minutos, e, ao final, seria concedido tempo às lideranças de oposição e do governo. Às quatorze horas e dezoito minutos, foi realizada a primeira chamada, na qual registraram presença Adeli Sell, Aldacir Oliboni, Biga Pereira, Cassiá Carpes, Cláudio Conceição, Claudio Janta, Comandante Nádia, Conselheiro Marcelo, Hamilton Sossmeier, João Bosco Vaz, José Freitas, Lourdes Sprenger, Márcio Bins Ely, Mari Pimentel, Mauro Pinheiro, Psicóloga Tanise Sabino, Ramiro Rosário, Roberto Robaina e Tiago Albrecht. Ainda, durante a Sessão, registraram presença Airto Ferronato, Gilson Padeiro, Giovani Culau e Coletivo, Idenir Cecchim, Mônica Leal e Pablo Melo. A seguir, Mauro Pinheiro, presidindo, concedeu a palavra a Gerson Junqueira Júnior, presidente da Associação Médica do Rio Grande do Sul, que se manifestou sobre a presente sessão. Foi realizada a leitura de relatório preliminar acerca das condições do Palácio Aloísio Filho. Após, pronunciaram-se Roberto Robaina, Psicóloga Tanise Sabino, Aldacir Oliboni, Hamilton Sossmeier, Márcio Bins Ely, Adeli Sell, José Freitas, Cassiá Carpes, Mari Pimentel, Biga Pereira, Tiago Albrecht, Lourdes Sprenger, Giovani Culau e Coletivo, Airto Ferronato, Conselheiro Marcelo, Comandante Nádia, Gilson Padeiro, Ramiro Rosário, João Bosco Vaz, Roberto Robaina e Idenir Cecchim. Na oportunidade, Mauro Pinheiro, presidindo, manifestou-se. Às dezesseis horas e cinquenta e dois minutos, nada mais havendo a tratar, o Presidente declarou encerrados os trabalhos. Os trabalhos foram presididos por Mauro Pinheiro. Do que foi lavrada a presente ata que, após distribuída e aprovada, será assinada pelo Presidente e pelo 1º secretário.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): Boa tarde! Podemos dar início à nossa Sessão Especial. Já quero agradecer ao Gerson Junqueira, que é o presidente da Amrigs, pela cedência do espaço, e à Ver.^a Mônica Leal, que intermediou isso para nós. É uma Sessão Especial, até porque nós trouxemos aqui um relatório para passar aos vereadores, da situação da Câmara Municipal de Porto Alegre, que também está alagada. O nosso primeiro piso foi totalmente alagado. Estamos sem energia elétrica, sem internet. A água começou já a baixar, mas assim que ela baixar, temos que fazer a limpeza. Nós vamos contratar gerador para fazer funcionar e começar a limpar. A parte de energia elétrica, ar-condicionado, também está dentro da água, então nós não sabemos exatamente ainda o todo das avarias da Câmara. Assim que baixar, a gente vai começar a limpar. Quero fazer, também antes de começar a sessão, enquanto os vereadores ainda estão

chegando, um agradecimento especial a todos aqueles que se dedicaram, da Câmara Municipal de Porto Alegre, o pessoal da nossa Guarda, da nossa segurança, que, mesmo no tempo mais adverso, estavam lá, fazendo a segurança da Câmara em todos os momentos. Então muito obrigado ao pessoal da Guarda, da segurança, acho que merecem uma salva de palmas. (Palmas.) Também aos nossos motoristas, que atuaram nos resgates das pessoas; não sei exatamente os nomes de quem participou, sei que o – como é o nome dele ali? –, ele me mandou algumas fotos, alguns vídeos, atuando, carregando pessoas. Então a Câmara Municipal de Porto Alegre, como um todo, de um jeito ou de outro, participou de todo esse momento difícil da cidade de Porto Alegre. Uma salva de palmas para os nossos motoristas, que fizeram vários resgates no momento mais difícil da cidade. (Palmas.) E a todos outros que nos ajudaram, mas esses dois grupos, eu vi a participação deles, então, por isso fiz o agradecimento. Tenho certeza de que outros tantos nos ajudaram nesse momento difícil. Como não temos acesso ao sistema da Câmara, vamos fazer um formato que está previsto no nosso Regimento, que é uma Sessão Especial. Nossa ideia é que a gente abra o espaço para cada vereador poder falar. Na entrevista, eu coloquei que os vereadores estão espalhados por toda cidade, cada um dentro dos seus segmentos, tenho certeza de que cada vereador trabalhou e atuou. E têm muitas dúvidas, muitas coisas que eles querem trazer, e a ideia, como nós não vamos poder votar nada, aquelas reivindicações, aquelas necessidades que os vereadores têm, principalmente os vereadores que não fazem parte da base do governo, querem entregar para o prefeito, para um secretário, e às vezes, têm alguma dificuldade, acho que este é o momento de a gente compilar todas essas informações e passar para o líder do governo para que possam chegar até o prefeito para dar a contribuição daquilo que cada um de nós passou, em algum momento, em algum lugar, e viu, algo de diferente... Então, precisa ter uma solução para ajudar na construção da cidade. Acho que este não é o momento de buscar culpados e, sim, de a gente buscar soluções para melhorar, dar um pouco de qualidade de vida para as pessoas. Então nós vamos fazer a primeira chamada dos vereadores que estão presentes aqui, depois vou convidar aqui o Gerson Junqueira, que quer fazer uma saudação aos vereadores - acho importante -, e depois a gente abre as inscrições para que os vereadores possam falar. No final da fala dos vereadores, a gente abre mais um tempo de cinco minutos para o líder do governo e para o líder da oposição para fazer o fechamento. As informações, depois, a gente faz a compilação e entrega ao Executivo ou para onde se quiser entregar, Ministério Público, aí cada um vai fazendo as suas contribuições. Então, vamos passar ao Dr. Luiz Afonso para ele poder fazer a chamada.

SR. LUIZ AFONSO DE MELO PERES (Diretor Legislativo): Passemos à verificação de quórum. Ver. Adeli Sell. Presente; Ver. Airto Ferronato. (Pausa.); Ver. Aldacir Oliboni. Presente; Ver. Alvoni Medina. (Pausa.); Ver.^a Biga Pereira. Presente; Ver. Cassiá Carpes. Presente; Ver.^a Cláudia Araújo. (Pausa.); Ver. Cláudio Conceição. Presente; Ver. Claudio Janta. Presente; Ver.^a Comandante Nádia. Presente; Ver. Conselheiro Marcelo. Presente; Ver. Eng^o Comassetto. (Pausa.); Ver.^a Fernanda Barth. (Pausa.); Ver. Gilson Padeiro. (Pausa.); Ver. Giovane Byl. (Pausa.); Ver. Giovanni Culau

e Coletivo. (Pausa.); Ver. Hamilton Sossmeier. Presente; Ver. Idenir Cecchim. (Pausa.); Ver. Jessé Sangalli. (Pausa.); Ver. João Bosco Vaz. Presente; Ver. Jonas Reis. (Pausa.); Ver. José Freitas. Presente; Ver.^a Karen Santos. (Pausa.); Ver.^a Lourdes Sprenger. Presente; Ver. Márcio Bins Ely. Presente; Ver.^a Mari Pimentel. Presente; Ver. Mauro Pinheiro, Presidente da Casa. Presente; Ver. Moisés Maluco do Bem. (Pausa.); Ver.^a Mônica Leal. (Pausa.); Ver. Pablo Melo. (Pausa.); Ver. Pedro Ruas. (Pausa.); Ver. Prof. Alex Fraga. (Pausa.); Ver.^a Psicóloga Tanise Sabino. Presente; Ver. Ramiro Rosário. Presente; Ver. Roberto Robaina. Presente; Ver. Tiago Albrecht. Presente.

Há quórum, Sr. Presidente.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): Temos quórum. O Sr. Gerson Junqueira, presidente da Amrigs, está com a palavra.

SR. GERSON JUNQUEIRA JÚNIOR: Muito boa tarde a todos. É uma satisfação poder abrir as portas aqui da nossa sede, a Associação Médica do Rio Grande do Sul. Nós que já abrimos as portas aqui para discutirmos tantas e tantas vezes as questões de saúde com diversos de vocês que já estiveram aqui conosco, agora estamos aqui para discutir esta calamidade que foi a enchente do início de maio. Então saúdo todos vocês, em especial o nosso Presidente Mauro Pinheiro, sintam-se à vontade, a casa é de vocês. Vou deixar vocês bem à vontade, e para o que vocês precisarem, nós estamos aqui à disposição para ajudá-los. Muito obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): Obrigado, Gerson. Registro a presença do Ver. Idenir Cecchim, líder do governo. Nós temos a presença já de 20 vereadores, então temos quórum. Eu não sei se vocês querem que eu leia, eu posso pedir para o Mestre José ali fazer a leitura. É um relatório preliminar ainda, a gente tem que avaliar quando as águas terminarem de baixar. A Ver.^a Mônica Leal também está presente, muito obrigado, Ver.^a Mônica Leal, que intermediou aqui com a Amrigs. Nosso Mestre de Cerimônias está com a palavra.

SR. JOSÉ LUIS ESPÍNDOLA LOPES (Mestre de Cerimônias): Relatório de danos preliminares e ações responsivas para a retomada do funcionamento da Câmara Municipal de Porto Alegre. As chuvas torrenciais nunca antes ocorridas que atingiram o território gaúcho nos últimos dias afetaram severamente a cidade de Porto Alegre, subjugando suas defesas e infligindo prejuízos ainda incalculados à cidade e a seus moradores. Não poderia ser diferente na Câmara Municipal de Porto Alegre, visto que está situada a poucos metros da orla do Guaíba. O Parlamento foi atingido pela inundação em todas as suas edificações, sendo que no Palácio Aloísio Filho alcançou em torno de 50 centímetros no andar térreo, afetando sensivelmente todos os ambientes desse nível. Levantamento preliminar.

Galpão Crioulo - A altura da água alcançou em torno de 1,5 metro nessa instalação, prejudicando todos os móveis e equipamentos existentes naquele local. Para

que se tenha uma ideia mais correta das consequências, ainda será necessária uma melhor avaliação após a descida das águas. Preliminarmente não há possibilidade de uso do local enquanto não se consertar ou reformar as instalações e equipamentos atingidos.

Centro de Convivência - Também severamente atingido, com grande quantidade de móveis, estofados e alguns eletrodomésticos, os quais certamente deverão ser consertados, substituídos ou reformados, não havendo possibilidade de uso do espaço em médio prazo.

Bloco de utilidades e área dos *chillers* - Nesses espaços ficam equipamentos cruciais para o funcionamento da Câmara, como, por exemplo, a subestação de energia e o *chiller* do sistema de ar-condicionado, além de servir como dependência de apoio e administração dos serviços terceirizados. Esta será a prioridade um da gestão para o retorno das atividades normais da Câmara.

Palácio Aloísio Filho - Com altura aproximada de 50 centímetros no térreo, todos os ambientes do térreo foram afetados pelas cheias: na parte oeste, a Diretoria de Patrimônio e Finanças, parte do Serviço de Atividades Complementares e parte da Diretoria Administrativa e a garagem. Os danos estão sendo levantados ainda, mas já podemos definir que tivemos uma perda muito grande de móveis, cadeiras, equipamentos, alguns computadores e impressoras, parte da documentação do Arquivo Histórico, da Seção de Memorial e do Setor de Protocolo, além de um veículo que ficou parcialmente submerso, cujos danos ainda não foram avaliados, a *van*. Por exemplo, o restaurante também foi atingido e, mesmo que se recupere os equipamentos perdidos, será necessária uma higienização profunda e completa para que volte a funcionar com segurança.

Das providências prioritárias.

Gerador – emergencialmente está sendo feita a licitação por dispensa para locação de um gerador para o funcionamento mínimo dos sistemas e equipamentos da Casa, retornando parcialmente suas atividades, principalmente as sessões plenárias e as reuniões das comissões.

Subestação de energia – a partir da baixa das águas, em condições de total segurança, serão realizadas inspeções, pelas empresas especializadas já contratadas pela Câmara, na subestação de energia, nos *chillers* e na usina de energia do sistema fotovoltaico leste. A partir disso, será possível definir quais providências serão tomadas para recuperação desses sistemas elétricos e o retorno da energia total da Câmara e suas dependências, com a religação do sistema CEEE.

Bomba d'água – outra medida prioritária já iniciada pela gestão é locação de uma bomba d'água para esgotar a água dos ambientes que, pelo nível, continuarão inundados, como os fossos dos elevadores e outros que ficam abaixo do nível do primeiro piso.

Sistemas de TI – afetado o funcionamento dos servidores de informática pela falta de energia e pelo impedimento da Infovia da Procempa, que ficaram inoperantes. O pessoal da informática está, desde domingo, dia 12 de maio, quando tiveram acesso ao prédio, transferindo os sistemas para os servidores da Procempa, de modo a darmos acesso a todos via *web*. Com isso, pretende-se regularizar as pendências relativas às

nomeações, exonerações e pagamentos, porventura pendentes ainda, além de possibilitar o trabalho remoto dos servidores das áreas afetadas, que não poderão retornar às suas salas em médio prazo.

Acesso às dependências – importante informar que, nesse primeiro momento de avaliação e primeiras providências, o acesso aos servidores da Câmara será controlado pela Seção de Segurança e Vigilância, de forma a não prejudicar os primeiros esforços para o retorno do funcionamento normal e preservar a saúde e segurança dos próprios servidores, dado o ambiente insalubre da Câmara neste momento, bem como as condições precárias de trabalho sem energia e redes. Importante franquear aos servidores envolvidos na retomada as condições ideais para realizarem o seu trabalho.

Outras providências.

Limpeza para o retorno ao trabalho em segurança. Será necessário um grande esforço de limpeza e higienização do andar térreo. Para que isso comece a ser feito é preciso que o acesso à Câmara seja liberado por vias normais, de maneira que os terceirizados possam chegar ao trabalho em segurança.

Substituição de móveis e equipamentos – após a limpeza higienização, dada a certeza de que muita coisa foi danificada, será feito um esforço para remobiliar e reequipar os ambientes de trabalho e o restaurante. Essa ação poderá ser mais demorada em virtude da necessidade de licitação para aquisição desses materiais.

Relocação de setores e pessoal – de vez que as instalações no andar térreo não terão condições de utilização, alguns setores deverão ser realocados nos andares acima, de maneira que as atividades se normalizem no mais curto espaço de tempo e esses setores possam atender aos demais órgãos internos.

Conclusão: após uma grave ocorrência da natureza que teve consequências devastadoras por todo o Estado, em especial a inundação com dimensão nunca esperada em Porto Alegre, a Câmara também foi colocada à prova. Desde a ocorrência do evento, todos os servidores da área operacional, das Obras, da Unitel, da Informática, da Tesouraria, do Serviço de Recursos Humanos, da Folha de Pagamento, da área de segurança das estações, da Procuradoria e dos Transportes, coordenados pela Direção-Geral, vêm trabalhando com afinco para reconstrução das condições normais para realização das atividades na Câmara. Muito necessária, neste momento, a união de esforços para que essa situação seja normalizada o mais breve possível, contando para isso com a compreensão e a colaboração de todos. De qualquer forma, a Diretoria-Geral se coloca à disposição para esclarecimentos e informações através dos nossos canais de comunicação, procurando, com isso, amenizar a ansiedade que aflige a todos neste momento. Diretoria-Geral, 15 de maio de 2024.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): Essa é a situação da nossa Câmara de Vereadores. Conforme combinamos, esta será uma sessão Especial, cada vereador terá o tempo de cinco minutos para a sua manifestação. Quero registrar a presença do Ver. Giovani Culau e Coletivo. Vamos abrir as inscrições. Todos os vereadores terão cinco minutos para falar, depois, no final, pode-se fazer uma intervenção

pela oposição e uma pelo governo. Cinco minutos está bom? Vocês querem diminuir? (Pausa.) Cinco minutos. Vamos pedir a colaboração de todos para tentar cumprir o tempo. No final, vamos abrir a inscrição para um vereador da oposição e um do governo falarem. Um minuto antes vamos avisar... Vamos procurar intercalar.

O Ver. Roberto Robaina está com a palavra.

VEREADOR ROBERTO ROBAINA (PSOL): Presidente Mauro, eu considero... Eu solicitei, inclusive, que tivesse esta reunião, agradeço que o Presidente Mauro tenha encaminhado, mesmo que seja uma sessão especial, eu acho que não teria como ser diferente, diante desse quadro agora de dificuldade do funcionamento. Mas eu creio que nós precisamos fazer a Câmara funcionar rapidamente, e aí tem que pensar tecnicamente como funciona, já se funcionou com papel, quer dizer, então, tem que pensar. O que não pode é a Câmara parar. E acho que nisso, bem, é uma questão de o Presidente Mauro também saber que papel ele quer jogar nessa crise como Presidente da Câmara, porque a Câmara é um poder. E acho que é um poder de fiscalização, e também é um poder que pode fazer propostas, mas, mesmo que não tivesse proposta nenhuma, teria já obrigação de fiscalizar. E acho que, num caso como este que nós estamos vivendo, seria útil – e aí com o diretor legislativo presente – pensar uma comissão especial da Câmara dos Vereadores que acompanhasse a discussão sobre a reconstrução. É evidente que vai ter uma reconstrução para ser feita, há uma destruição enorme. Ou seja, eu não tenho ainda a dimensão exata disso, mas é uma destruição sem precedentes. Não é à toa que está o Jornal Nacional cobrindo diariamente a situação do Estado do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre. E em Porto Alegre não é diferente, em Porto Alegre é uma destruição pesada. Então, nós temos que acompanhar e, evidentemente, também, na medida do possível, fazer propostas. A preocupação central que eu tenho agora é o funcionamento, por exemplo, dos abrigos. Nós temos não só abrigos, mas nós temos muitas pessoas que estão nas casas de parentes, nas casas de familiares, e não se tem o controle disso, não se tem um padrão disso. As pessoas estão desesperadas porque, é óbvio, é quase lógico, o sujeito, se ele tem um amigo ou se tem um parente e tem condições de ir para a casa, ele vai. Mas às vezes a situação dele, num dado momento... Quando tem muita solidariedade pode até ser melhor, mas quando a solidariedade diminui, a situação dele pode ser pior, muito pior do que aquela pessoa que está num abrigo, porque, obviamente, num abrigo se perde privacidade – a maior tragédia que tem esses abrigos é a falta de privacidade –, mas tem abrigos muito bons e tem abrigos que não estão bons.

Ou seja, então o tema dos abrigos é um tema que nós temos que acompanhar. Eu sei que todo mundo, de um jeito ou outro, bem, imagino eu, está buscando acompanhar, mas é um problema público, é um problema que a Câmara dos Vereadores precisa conhecer, precisa ter informações institucionais socializadas verificáveis. Isso é um tema. Depois tem outros temas que envolvem... Bem, cada um tem suas posições políticas, eu fiz propostas, encaminhei ao Cassio, e eu não vou reclamar que o Cassio Trogildo não encaminhou, porque o Cassio Trogildo encaminhou, tenho relação direta

com ele, foi o nomeado pelo prefeito Sebastião Melo na última reunião para ter a relação com o Executivo, fiz uma série de propostas, algumas inclusive o governo acatou, não por ser proposta minha; nesse caso, eu fiz proposta, o governo tomou decisões em relação ao DMAE. Enfim não é o caso de discutir paternidade disso, o governo é quem governa, mas a reconstrução vai ser nacional, estadual e municipal. E o tamanho dos problemas, evidentemente, o peso nacional é muito maior, em termos de recursos, mas o governo municipal e a Câmara Municipal têm muita responsabilidade. Não é nem para nós. É óbvio que nós vamos ter que discutir balanço, não faz sentido nenhum não ter balanço, não identificar culpados, isso é óbvio. As pessoas sempre vão pensar e vão julgar, e é preciso inclusive averiguar. Porque isso não foi simplesmente uma obra da natureza, isso tem explicações em erros humanos, em erros de política pública, mas agora o que eu estou mais preocupado é, em primeiro lugar, controle público das coisas e a Câmara funcionando; em segundo lugar, o tema dos abrigos e as condições das pessoas que perderam tudo. E, depois, uma política estratégica. Eu vi, por exemplo, o prefeito falar - e não sei em que pé anda essa situação -, já na nossa reunião, já havia comentado, depois, em vários momentos eu vi, também

assisti, ouvi nas rádios, a ideia de que tenha uma cidade, entre aspas, no Porto Seco. Isso, conforme for essa proposta, pode ser terrível. Isso pode ser terrível. Mas eu imagino que ninguém vá, em sã consciência, propor que isso seja algo estrutural, permanente. Ninguém está propondo isso. Mas é preciso ter políticas permanentes, é preciso ter uma reforma habitacional em Porto Alegre.

Então, por exemplo, eu estou defendendo, mas a Prefeitura é quem tem que estudar, que se faça um estudo de imóveis que já existem, centenas de imóveis vazios. Há centenas de imóveis públicos vazios, eu não vou nem falar dos privados que servem para especulação somente... Mas não é possível... E vou concluir, Mauro, eu tenho um estudo da Associação dos Arquitetos do Brasil que comenta que nós temos 115 grandes imóveis vazios a partir dos quais se pode fazer um investimento para a construção de cinco mil apartamentos, isso em 40 desses imóveis. Eu acho que a gente tem que discutir isso, e cabe à Prefeitura estudar e apresentar esses estudos para a Câmara, para a sociedade, e cabe à Câmara avaliar e decidir como vai aportar essa crise. Parado é que não se pode ficar, e eu não estou dizendo que ninguém está propondo isso, mas nós precisamos fazer a Câmara funcionar, a instituição funcionar. Obrigado.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): Vereador Robaina, o que eu disse é que a nossa reunião é muito mais para propor, porque este é um primeiro momento. Tenho certeza de que vai chegar a um momento em que todos nós tenhamos nossas obrigações, mas acho que, num primeiro momento, para poder... A principal função hoje é a gente tentar levantar alguma coisa que a gente possa... E, às vezes, tem alguma dificuldade que os vereadores tiveram, alguma coisa que viu e quer ajustar, eu acho que é importante o espaço. É claro que cada vereador fala aquilo que acha que deve falar, somos aqui só o Presidente escolhido pelos vereadores para administrar a nossa sessão. Eu fiz uma inscrição prévia, mais ou menos, dos que foram levantando a mão; é difícil

acertar quem foi que levantou primeiro a mão. A Ver.^a Psicóloga Tanise está com a palavra.

VEREADORA PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB): Boa tarde a todos. Quero saudar aqui o nosso Presidente da Câmara, Mauro Pinheiro; os colegas vereadores, a equipe técnica de suporte da Câmara de Vereadores, estão todos aqui, a área de tecnologia, a DL, enfim, os seguranças. Quero também agradecer à Amrigs, que tem sido uma parceira, em todos os sentidos, nesta Casa que também tem sido a casa dos grandes debates. Agradecer ao Dr. Gerson, que é o presidente, e a toda sua equipe, que está aqui, sempre parceira, em todos os momentos. Nós estamos então vivendo um momento muito difícil na nossa Porto Alegre, no nosso Estado, um momento de calamidade pública devido a essas enchentes que assolaram o nosso Estado. E o primeiro momento, até então, tinha o objetivo de resgatar vidas, salvar vidas, o resgate de pessoas que estavam em suas casas, ilhadas, com água até o teto. E agora então, passado esse momento, nós precisamos é reorganizar a cidade, reconstruir a cidade. Como o conserto das casas de bombas, a questão da limpeza, habitação, essa contabilização dos estragos, captar recursos, organizar os abrigos, os trabalhos voluntários, assegurar alimentação, essa logística de assegurar alimentação, água para todos. Porque a gente percebe que, muitas vezes, vêm carretas, inclusive caminhões de outros Estados, e me preocupo no sentido de para onde é que está indo esse material. Eu quero compartilhar com os colegas que desde o início dessas enchentes eu estou na linha de frente organizando o trabalho voluntário dos psicólogos na cidade de Porto Alegre.

Nós estamos organizando uma parceria da Prefeitura com a Parceiros Voluntários, com o Ministério Público, com a Abess e também com o Conselho Federal de Psicologia para organizar essa logística do trabalho voluntário, e garantir então a efetividade do esforço dos psicólogos que estão nessa linha de frente. Nós temos visto a importância de todos os voluntários - de todos os voluntários -, desde o voluntário que atuou nos barcos resgatando vidas, salvando vidas, e também daqueles voluntários que já estão nos abrigos organizando, separando materiais, organizando itens, enfim. Mas dizer que, sem os voluntários, nada disso que nós estamos vivendo seria possível, então é um momento de reconstrução da nossa cidade, reconstrução também de vidas, reconstrução de famílias, de bairros, da economia, mas também uma reconstrução emocional. Pessoas que perderam absolutamente tudo, desde as suas casas, seus carros, suas memórias, seus documentos. Eu tenho conversado com alguns desabrigados, e alguns me relatam que eles perderam tudo da sua vida, seus itens pessoais, suas fotos, e o quanto eles estão desorientados, sem direção e sem rumo. Nós temos que nos colocar no lugar dessas pessoas. Eles perderam a sua identidade, eles estão em locais, em abrigos, recebendo outras roupas, às vezes em sacos de lixo. Então, tudo isso tem um impacto, e me preocupa muito a questão dos voluntários da psicologia que estão nesses abrigos. Nós precisamos organizá-los, colocá-los em escalas e assegurar que eles estejam também devidamente preparados em treinamento de primeiros socorros psicológicos, senão a gente vai correr o risco de revitimização dessas vítimas, cometendo a iatrogenia, ou seja, aumentar mais

o sofrimento dessas pessoas. Então, existem protocolos de atendimento dos psicólogos. Às vezes, a gente vê estudantes de psicologia atuando na linha de frente, mas eles não podem atuar como psicólogos; tem que ser um profissional do CRP, e o psicólogo pode contribuir muito na questão do apoio, na escuta, no suporte e em encaminhamentos. Estamos desenvolvendo um aplicativo, isso é o que eu queria compartilhar com os colegas, e a gente vai ter na palma da mão todos os abrigos e as escalas dos psicólogos. Esse aplicativo está sendo desenvolvido pelo grupo Wainer e pela Parceiros Voluntários. Mas, além desse trabalho dos voluntários, eu também quero compartilhar que estou focada — e

isso me preocupa também — na saúde mental dos próprios voluntários, não só dos psicólogos, mas de todos os voluntários na linha de frente. Diante disso, entrei em contato com o Fernando Ritter, da Secretaria Municipal da Saúde, e nós estamos fazendo um acordo de adesão, que é similar a um acordo de cooperação, e vai ser feito um chamamento público para credenciar instituições de psicoterapia, clínicas de psicoterapia para fornecer atendimento psicológico e psiquiátrico para todos os voluntários, não só para os psicólogos, mas para todos os voluntários, e, com o tempo, nós vamos ampliar isso também para essas vítimas das enchentes. Para encerrar, diante de tudo isso, eu quero reforçar o nosso propósito, que é o cuidado com a saúde mental. Muito obrigada.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): Quero registrar a presença do Ver. Pablo Melo. O próximo inscrito é o Ver. Aldacir Oliboni.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Saúdo o nosso Presidente da Casa, os colegas vereadores e vereadoras, o público que está aqui nos acompanhando, e agradecendo a Amrigs, é claro, por este espaço de diálogo. É importante que a Câmara, a partir de hoje, oportunize um espaço para todos nós nos reunirmos esporadicamente até que a Câmara entre em funcionamento. Pelo relatório apresentado aqui, percebi que não voltaremos tão breve para a Câmara, então é importante manter um espaço de debate e ter possíveis reuniões, sugestões, que vamos propor nesta tarde. Nós ficamos impactados; imagine aquele que foi atingido e deslocado da sua residência. O governo disse que eram 12 mil, depois 13 mil, depois 14 mil; hoje são 15 mil pessoas que estão em abrigos e mais de 60 mil pessoas em Porto Alegre foram retiradas de suas casas ou salvas. Essas pessoas vão voltar; assim que baixar a água, elas vão voltar, e precisa ter um projeto estratégico para poder dar atenção a essas famílias. Qual é o projeto estratégico do governo municipal? Qual é o plano do governo municipal? Nós precisamos interagir, dialogar, como está fazendo o governo federal, propondo ao Estado, o Estado colocando iniciativas para o governo federal. E o próprio prefeito já admitiu ontem na imprensa que quer conversar com o governo federal, porque percebeu que sozinho não vai resolver. A Câmara tem que estar nesse caminho, propor que estas reuniões sejam acessíveis ao menos aos vereadores, ou possa discutir anteriormente esse projeto. Qual é o plano para a cidade? O primeiro benefício, em tese, poderíamos dizer que o governo acatou uma

discussão feita com os vereadores da isenção da água por seis meses. Não foi feita a isenção do IPTU, não foi dialogado com a CEEE para que ela faça o mesmo. Presidente Mauro, a CEEE tem que ser chamada, ou nós temos que ir lá na CEEE para ela reproduzir, no mínimo, essa isenção de seis meses. E creio que vai ser mais, porque essas casas que deverão ser recuperadas, sejam no Sarandi, sejam nas Ilhas, enfim, onde foram atingidas, elas têm que ter um tempo, e, nesse tempo, essas pessoas que estão albergadas vão ficar, mas muitos cidadãos e cidadãs que acabaram acolhendo... Eu conheço centenas de famílias que, inclusive, estão pedindo socorro para poder ter acesso à alimentação pela Defesa Civil. A Defesa Civil está sendo, eu não vou dizer aqui intransigente, mas ela estava liberando somente para entidades que comprovavam a produção de marmitas, a produção, enfim, de uma infinidade de ações que pudessem agregar para os albergues ou para onde as pessoas estão acolhidas. Mas são mais de 60 mil que estão nas famílias, muitas delas com 2, 3 pessoas que já acolheram 10 pessoas. Essas famílias devem ser ajudadas. De que forma? Nós temos que debater isso. O governo tem que pensar um projeto estratégico para todos. Para todos. Nós achamos que isso é importante, esse diálogo, por isso a Câmara tem que funcionar, o povo está nos cobrando, e nós precisamos interagir propondo ideias e alternativas que dialoguem com este momento tão difícil. Quem de nós não tem alguém ou... Nós temos que perceber, afinal de contas, nós somos vereadores de Porto Alegre; nós temos que olhar para todos, seja o pobre ou o rico. Muitos foram atingidos, tanto ricos quanto pobres, e eles precisam voltar e se reinventar, ter acesso a créditos importantes, sim. Quando é um volume significativo, sei que é do governo federal, do governo estadual, mas, quando é um projeto estratégico para o cidadão poder comprar a sua geladeira, o seu fogão, ou algo que possa dar continuidade, até mesmo mutirões de limpeza que serão feitos agora nos próximos dias, é importante que a Câmara interaja, consiga ajudar na infraestrutura para poder dar dignidade a essas pessoas. É apenas isso, mas com o coração e com união nós temos certeza absoluta que vamos contribuir de uma forma significativa para a Câmara voltar a funcionar e para o povo ter mais dignidade. Muito obrigado.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): Obrigado, Ver. Aldacir Oliboni. A TVCâmara pede para comunicar aos vereadores que esta sessão está sendo transmitida ao vivo pelo Youtube. O Ver. Hamilton Sossmeier está com a palavra.

VEREADOR HAMILTON SOSSMEIER (PODE): Sr. Presidente, Ver. Mauro Pinheiro, vereadores que estão conosco, todos que estão aqui e também aqueles que nos assistem pelo Youtube; são praticamente cinco tragédias em sequência. Primeiro, nós tivemos a pandemia; depois, nós tivemos aquela grande seca; em setembro do ano passado, nós tivemos aquele grande temporal; em janeiro, foi o vendaval que derrubou milhares de árvores na cidade; e agora essa enchente que transforma não só Porto Alegre como parte do nosso Estado na maior tragédia da nossa história. Então, o que quero dizer com isso? Em função desses cinco acontecimentos em um espaço de tempo tão curto, nós temos que pensar não somente na reconstrução, como falou o Ver. Robaina, mas também

na proteção dessas áreas que têm sido atingidas, num pós. Outra coisa que eu quero comentar aqui é que todo mundo, é interessante entendermos, tem sido atingido com isso. Vemos aqui Poder Executivo, Prefeitura, Legislativo e Judiciário atingidos; empresas atingidas, pessoas foram atingidas, igrejas foram atingidas. Duas das nossas igrejas estão embaixo d'água, aliás, três estão embaixo d'água. Então, vimos que muitas pessoas, todos os setores da sociedade foram atingidos. A gente tem trabalhado nos abrigos e acompanhado, mas nós também estamos vendo que esse voluntariado tem um prazo de validade, porque a gente já vê muitos voluntários cansados. Tem sido sugerido inclusive – e aqui a minha sugestão – que se reduza o número desses locais e se concentre em locais com maior estrutura, e que possam também fazer um cadastramento, Sr. Presidente, de voluntários que possam estar nesses locais concentrados. Outro aspecto é sobre a segunda fase que nós vamos enfrentar, que é, como falou o Ver. Oliboni, o retorno dessas pessoas a suas casas. E ao retornar a suas casas, o que elas vão encontrar e como elas vão ter essa assistência do poder público. Nós não podemos simplesmente ignorar que essas pessoas vão ter muitas... Elas já perderam, né, eu estou acompanhando várias pessoas que perderam exatamente tudo, sua casa caiu, elas precisam reconstruir e precisam de um local para morarem por um bom tempo. Tem sido citada a questão do Porto Seco, e eu acredito que não vai ser um local permanente, mas é para as pessoas ficarem por pelo menos um ano. Eu acho que quem está contra que se coloque lá, temos que lembrar que agora não é hora nem época de pensar em carnaval, mas pensar na vida das pessoas, na dignidade das pessoas para elas recomeçarem as suas vidas. Então, quero fazer essas ponderações e agradecer a todas as pessoas de forma pública, os voluntários, aliás, os muitos voluntários. Temos pessoas que trabalham no poder público que estão empenhados, são esforçados e estão trabalhando, mas aqui eu quero fazer um destaque a todo esse número, essa multidão de voluntários que, inclusive, ainda estão chegando. Só eu estou abrigoando mais de 40 voluntários que vieram de outros estados para dar a sua vida, o seu tempo, o seu trabalho em favor do nosso Estado. Muito obrigado.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): O Ver. Márcio Bins Ely está com a palavra.

VEREADOR MÁRCIO BINS ELY (PDT): Muito boa tarde, Presidente Mauro Pinheiro; cumprimento V. Exa., o nosso diretor. Em especial, quero cumprimentar o Dr. Gerson, que nos cede o auditório da Amrigrs para que possamos estar reunidos, tendo em vista os relatos de que a nossa Câmara Municipal não tem condições de acolher os trabalhos do Legislativo. Mas em especial, toda a equipe técnica que nos acompanha hoje, aqui nesta tarde de trabalho em meio a essa calamidade, uma tragédia climática nunca vista no Estado do Rio Grande do Sul. Muitos perderam tudo, muitos perderam muito, alguns perderam a vida. Quero falar aqui em meu nome e também em nome do Ver. João Bosco Vaz. Eu conversava com o Bosco que possivelmente nós ainda teremos um porvir, não é? Infelizmente a gente sabe que hoje, às 6 horas da manhã, o rio marcava 5,22 metros, Presidente. Chegou a baixar a 4,60 metros, mas a gente não sabe o que está

embaixo dessa água, não é, Bosco? Então, existe também essa preocupação sobre o que nos espera. Quero dizer que somos solidários às iniciativas de buscar o restabelecimento do Legislativo. Quero cumprimentar, como todos fizeram, os voluntários, os abnegados doadores, aqueles que com muita força de vontade, coragem, determinação e com muito amor no coração encontraram forças para enfrentar essa calamidade nunca antes vista na nossa cidade. Nunca antes vista na nossa cidade! A força da natureza nos surpreendeu a todos. Hoje, a gente vem participando e acompanhando o trabalho nos abrigos, como foi dito aqui, mais de 15 mil pessoas acolhidas aqui em Porto Alegre. Tivemos a oportunidade de nos reunirmos, na semana passada, com o prefeito Melo, e eu fiz uma observação, quero reiterar essa observação de que muitas das nossas crianças têm nas escolas o alento do alimento. Muitas crianças da nossa rede municipal têm talvez a melhor alimentação do dia na escola, então, nós teríamos que ver como é que podemos fazer para, de alguma maneira, gradualmente, tentarmos retomar onde for possível a presença das crianças nas escolas. Porque esse é um ponto crítico que eu percebo. Esse foi um dos encaminhamentos que a gente fez. Encontrei o Ver. Ramiro Rosário também nos resgates, encontrei outros colegas vereadores, ex-vereadores, o Ver. Nagelstein. Enfim, a gente tem percebido aqui o especial trabalho das igrejas. Quero cumprimentar os vereadores que têm trabalhado forte na questão das marmitas, no combate à fome. Conversando também sobre a questão dos animais, não é, Ver.^a Lourdes? Eu a vi agora na chegada fazendo menção aos abrigos que estão acolhendo animais. E todos aqueles que de uma forma ou de outra, alguns pela sua atuação regional, como o Ver. Conselheiro Marcelo, que tem uma região onde atua e foi gravissimamente atingida. Então, a gente quer aqui se solidarizar com todos aqueles dos abrigos, Ver.^a Mari, Ver. Giovane Byl e todos aqueles que estão se envolvendo. Essa parte também psicológica, Ver.^a Tanise, esse apoio muito relevante, muito importante. Eu mesmo já conversei com diversas pessoas que me ligaram em desespero, pessoas com a mesma roupa há três dias, com chinelo de dedo, que perderam tudo. Eu quero dizer aqui que perdemos um amigo, uma pessoa muito próxima, que fazia hemodiálise duas vezes por semana, que no sábado não teve condições de fazer a hemodiálise e segunda-feira faleceu. Então, para ver o tamanho, a extensão, a gravidade do problema, que vai muito além do que a gente enxerga, Ver. Ferronato. Quero dizer que a gente vê e percebe todas as doações, o Brasil todo se sensibilizando. Não poderíamos deixar também de trazer a nossa manifestação, a nossa solidariedade, todo o nosso empenho nas soluções possíveis, cabíveis, e que estiverem ao nosso alcance para sermos ágeis no que diz respeito a qualquer iniciativa municipal ou àquilo que estiver dentro da nossa competência: alguma votação, algum auxílio. As pessoas já estão procurando saber se vai ter algum recurso, a exemplo do que se fez aqui, dos R\$ 3 mil, aqueles mais recentes. Ver. Cecchim, líder do governo, para que nós, assim que possível, pois é necessário, que a gente se reúna para alguma solução. Estamos aí também na tarde de hoje trabalhando em solidariedade e em apoio às vítimas da nossa calamidade. Pela atenção, muito obrigado.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): O Ver. Adeli Sell está com a palavra.

VEREADOR ADELI SELL (PT): Colegas vereadoras e vereadores, pessoal da Amrigs que nos dá suporte aqui; Presidente Mauro, eu quero, antes de mais nada, dizer que fizemos uma articulação com alguns setores empresariais, quero falar isso ao líder do governo, que está saindo a carta do Pronampe, que já foi para o BNDES ontem, com o Mercadante. E ato contínuo, eu queria propor, Presidente Mauro, que nós fizéssemos o mesmo movimento que eles solicitaram em relação ao BRDE. Talvez o líder do governo, o Cecchim e eu, que já fomos da SMIC, mais algumas pessoas, pois estamos mais relacionados com o tema, pudéssemos te acompanhar, Mauro, numa solicitação de agenda com o BRDE e o Badesul. Eu acho que isso funcionaria muito bem.

(Aparte antirregimental.)

VEREADOR ADELI SELL (PT): Sim, mas sabe que às vezes as visões que têm os bancos repassadores, que são o caso, são um pouco diferenciadas, e isso pode nos ajudar. Acho que isso ajudaria bastante. A outra questão que nós estamos discutindo, a nossa bancada e outros vereadores, inclusive a bancada do PSOL e do PCdoB, junto com o governo federal, para o Rio Grande do Sul, que foi o mais atingido, que o pessoal do CADÚnico, que é o mais necessitado, tenha um aumento na questão do repasse do Auxílio à Família.

Também eu acho que temos que pensar em setores variados, eu pensei, como ainda não abriu o protocolo, mas já quero anunciar aqui, vou apresentar uma proposta legislativa, normativa, para os artistas, pois além de alguns terem perdido absolutamente tudo, essas atividades não vão acontecer. Havia vários lançamentos de livros e coisas que eu ia acompanhar, tudo, teatros fechados, então vai ter um período muito difícil para o setor artístico. Eu propus, assim, iconicamente, se os colegas concordarem, uma espécie de lei Mário Quintana, que é o símbolo da nossa cultura, da nossa poesia. Então eu vou apresentar isso para os colegas, uma medida emergencial também na área da cultura.

Mas eu estou muito preocupado com algumas outras questões que estão acontecendo. Eu acho que nenhum grande meio de comunicação deixou de se pronunciar sobre as *fake news*. Acabei recebendo uma de um deputado federal que apresenta uma falsa votação sobre a dívida do Rio Grande do Sul. Já está acertado, são três anos que nós temos a isenção junto ao governo federal, do repasse da dívida. Ele espalhou uma nota, coincidentemente os deputados que teriam votado contra são da nossa bancada, e o pior é que as pessoas reproduzem, isso é triste. Eu acho que a Câmara Municipal podia fazer um pacto de, antes de qualquer um de nós distribuir qualquer coisa, verificar o que é verdadeiro e o que não é verdadeiro. Isso massacra o coração das pessoas. Grupos sobre enchente do Lami, grupo *fake*, tenho pessoas que moram lá dizendo que não é isso, que está problemático, mas não é isso, essa foto não condiz. Não dá, né? Então nós temos que ter vários mecanismos entre nós de trabalho.

Também fizemos um contato com a Caixa Econômica Federal sobre a questão dos seguros de quem tem financiamento da Caixa Econômica Federal. Quem tiver dúvidas depois me chama no privado, que eu vou indicar uma pessoa que responde exatamente sobre isso. De cara você entra com pedido de seguro, tem R\$ 4 mil liberado, tem uma perícia que depois vai verificar se destruiu toda casa ou não. Então, isso é uma baita notícia diante do desespero das pessoas que perderam suas casas. Ou seja, como disse o meu colega Robaina, nós temos que olhar nível federal, estadual e municipal. Quem não fizer essas conexões, quem não estiver disposto a trabalhar solidariamente está fora, está cometendo uma banalidade do mal tal que a gente já viu na nossa história. Nós temos que estar fora disso, nós somos pessoas civilizadas, nós estamos no ano de 2024. Em nome da civilização, eu peço um grande mutirão. As propostas que eu farei eu quero dividir com as pessoas. Já falei para o Mauro também, eu acho que a Câmara tem que ter uma conexão direta com algum membro do governo federal, ou mesmo do Estado, mas eu falo do governo federal, vou tentar fazer a ponte com meus colegas aqui para que o Mauro tenha um assento mais direto para dialogar e podermos repassar questões do governo federal. É assim que se constrói, é assim que se reconstrói a nossa gloriosa Porto Alegre e o Rio Grande do Sul. Obrigado.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): O Ver. José Freitas está com a palavra.

VEREADOR JOSE FREITAS (REPUBLICANOS): Boa tarde a todos, Presidente Mauro, colegas vereadores, servidores da Câmara e todo o público que nos assiste. Quem entre nós aqui não tem amigos, familiares que perderam tudo? E eu quero mencionar aqui os servidores da Câmara, quatro servidores: a Ângela, guarda municipal, que perdeu tudo; a Cinara, da DL; a Ana Rita, da Licitações; o Sérgio Godinho, do Setor de Ingressos. Fora isso, familiares nossos, e faço uma menção ao nosso colega, da minha bancada dos Republicanos, o Ver. Alvoni, que também saiu de casa, teve que sair. Ele não perdeu tudo porque mora em apartamento;, está em casa de familiares agora, mas ficou mais de uma semana dentro d'água. Assim como o Ver. Marcelo, que ficou também ali no Humaitá, resgatando pessoas. Todos nós esgotados.

E eu quero trazer aqui a nossa solidariedade a todos os voluntários. Todos nós somos voluntários. Eu sou um voluntário da Igreja Universal, estamos imbuídos, eu estou responsável pela logística das carretas que estão chegando de todo o Brasil, eu estou ajudando nessa logística para distribuição. Até o momento, na campanha SOS Chuvas no Rio Grande do Sul, temos 18 mil voluntários em todo o Estado, e já distribuimos 44 mil marmitas - esse é o número de ontem; arrecadamos mais de 33 mil toneladas, porque nós temos, aqui, entre Porto Alegre e Grande Porto Alegre, 33 igrejas que estão debaixo d'água. Então, no entorno dessas igrejas, há muitas pessoas, muitos membros que perderam tudo, e a igreja está dando apoio para todas as pessoas, estamos recebendo apoio de todo o Brasil. São 130 mil garrafas de água, entre roupas, colchões, cobertores e kits de higiene.

Eu acho, Presidente Mauro, que nós temos que nos unir. A Câmara de Vereadores, independentemente de partido, independentemente de ideologia, tem que se unir para ajudar os governos. Todos temos que trabalhar juntos. Já está na mesa do prefeito, eu acho que é o próximo passo agora, uma preocupação que todos nós temos que ter com as pessoas que estão abrigadas em escolas. Elas vão ter que sair rapidamente das escolas, para as escolas voltarem. Então, a preocupação nossa e do governo é com essas pessoas que estão abrigadas em escolas, arrumar um lugar para elas. Já estão na mesa do governo alguns lugares, um já foi falado aqui, que é o Porto Seco; tem também o Amparo Santa Cruz; o Hospital Parque Belém, na Costa Gama; tem a Escola Santo Inácio, ao lado do Amparo Santa Cruz, que está vazia, abandonada, e o santuário, como trouxe essa ideia a Ver.^a Barth, hoje de manhã, o Santuário Mãe de Deus, também na Glória, que está oferecendo esse espaço.

Então, esse é um pedido que eu faço, que haja união entre nós todos, porque muitas pessoas precisam de nós, muitas, mesmo, centenas e centenas, milhares de pessoas, fora aqueles que perderam não só bens materiais, mas perderam familiares também e amigos. E que Deus continue nos abençoando. Obrigado.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): O Ver. Cassiá Carpes está com a palavra.

VEREADOR CASSIÁ CARPES (PP): Quero saudá-lo Presidente Mauro Pinheiro, saudar o presidente desta grande instituição, o Gerson, que nos possibilita fazer esse debate. Mas eu gostei do ambiente que está aqui, todo mundo consciente de que deve ajudar. Não é hora de politicagem, e eu não estou preocupado se a Câmara vai abrir hoje ou amanhã, não estou, eu, que sou um dos mais presentes nas sessões da Câmara. O importante é ajudarmos a sociedade. Eu vejo funcionários ajudando, eu vejo vereadores ajudando, todos, cada um com a sua capacidade. Uns são representantes de bairros que sofreram um abalo maior, estão lá, nós também, cada um do seu jeito, da sua maneira, mas ajudando.

Quero me posicionar aqui, claramente, em relação às emendas que nós já tratamos numa reunião com o prefeito. O prefeito pediu que nós abrissemos mão das emendas impositivas deste ano. Eu concordo plenamente, a não ser que aquela obra já tenha começado; se já começou, ninguém vai tirar mais, termina a obra. Se esse dinheiro não foi destinado ainda, paciência, agora não adianta nós falarmos só e não termos essa ideia. A Prefeitura precisa de dinheiro e a Câmara precisa economizar muito mais para dar mais ainda o que nós já retribuimos à Prefeitura nesses casos excepcionais. São casos excepcionais. Então nós vamos economizar, embora esse gasto que nós vamos ter na Casa, tenho certeza. A Câmara tem uma norma de a cada ano depositar uma boa quantia, e nós vamos, tenho certeza, continuar essa economia, que é coisa nossa já, do dia a dia. Então eu quero deixar aqui os meus parabéns, eu acho que não é hora de nós brigarmos, é hora de união. Nós precisamos salvar o nosso povo, esse mais necessitado, como falaram aqui, porque depois tem várias etapas, Robaina, como tu iniciaste dizendo aqui.

Tem várias etapas: ontem, e ainda hoje, que é salvar vidas; depois, nós tirarmos dos abrigos, e colocarmos onde? Será que nós vamos errar de novo, botando no mesmo lugar? Só que eles querem voltar para aquela casa deles, e às vezes não tem. Então nós temos que nos preocupar com isso. “Ah, os carnavalescos.” Eu ouvi, não sei quem falou, que os carnavalescos estão brabos. Mas brabos por quê? Até nós demos emendas para eles. Estão brabos com o quê? Carnaval é só o ano que vem, lá eles vão se preocupar com o carnaval e daí a Prefeitura vai ajudar, como sempre ajudou, Ver. Cecchim. A Prefeitura sempre ajudou. Então eu acho que a gente tem que ter cuidado. Mais à frente nós vamos nos enfrentar com habitação, porque é séria a situação. Vão voltar para o mesmo lugar? Essas pessoas vão voltar para o mesmo lugar? Logo ali. Exatamente. Então, botar no mesmo lugar sem, muitas vezes, mobilidade; sem saúde; sem habitação; sem habitação decente. Então tudo isso tem que ser analisado, nós temos que enfrentar, eu acho que a Câmara pode, sim, junto com o prefeito, usar vários... Aqui, todos os vereadores têm uma opinião, mas nós formamos, Presidente Mauro, na Câmara, algumas ideias em relação a essas questões: mobilidade urbana, a questão da moradia, como é que vai ser construída. É verdade, nós temos que ser claros aqui. Tem bons empresários e péssimos empresários, e nós temos grandes áreas na capital que devem IPTU, mais essa, Robaina, quero te alertar. A imobiliária de Porto Alegre, a imobiliária Prefeitura de Porto Alegre tem mais de três mil imóveis nesta cidade, então chegou a hora de retribuir. O prefeito já falou que vai mandar um pacote para esta Casa, para a Câmara de Vereadores, de isenção de IPTU daquelas regiões que estão sendo afetadas e que foram afetadas, e outros incentivos para gerar riqueza na cidade. E ninguém mais do que a gestão Melo deu isenção de imposto, Cecchim, nesta cidade, dos prefeitos que passaram, cada um com a sua capacidade, cada um com seu jeito, todos prefeitos fizeram o que deu para fazer. Mas agora nós estamos numa situação excepcional, em que nós precisamos estar juntos. Não tem problema de a oposição dar opinião, não tem problema, o prefeito até gosta, na última reunião até eu vi que o prefeito anotou várias opiniões de vereadores; nem todas dá pra fazer, mas tem opiniões boas, tem ideias boas, e é nesse sentido que nós temos que atuar. Então eu quero também aproveitar e dizer que sem a solidariedade dos voluntários, nós não teríamos feito nada. Aí tem gente quer regulamentar os voluntários, mas estão tão bem assim, está tão bom assim, que se um governo se metesse, atrapalhava; não atrapalhem, deixem eles trabalharem, pois estão trabalhando bem, e nós temos que apoiar. Obrigado, Presidente.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): A Ver.^a Mari Pimentel está com a palavra.

VEREADORA MARI PIMENTEL (REPUBLICANOS): Boa tarde, colegas vereadores, Presidente Mauro Pinheiro. Gostaria de aproveitar o início dessa fala para retomar o que muitos vereadores têm falado, da questão da importância dos voluntários, o quanto o cidadão de Porto Alegre, de outros locais... Eu tive a oportunidade de estar aí, trabalhando lado a lado com o pessoal de Curitiba, Santa Catarina e diversos lugares do Brasil que vieram somar nessa força de voluntários, que fizeram bonito, estão

fazendo bonito no dia de hoje e durante todos esses dias aqui na capital. Mas a imprensa já cobra, “e a fase dois?”, Ver.^a Comandante Nádia. Muitas pessoas perguntam. Enquanto a gente via que tínhamos locais com 200 voluntários, hoje muitos voltaram para as suas atividades, e precisamos voltar, porque cada um de nós tem as suas atribuições. E a pergunta é sobre a fase dois. A resposta que nós temos, por enquanto, da Prefeitura, sobre a fase dois, é um projeto um pouco mirabolante do meu ponto de vista. Mirabolante, Ver. Roberto Robaina, porque a gente já passou por uma outra enchente há seis meses e foram prometidas residências. Até hoje, questão de oito meses, nós não tivemos residências. Mirabolante, porque a gente não viu ainda nenhum assunto sobre o aluguel social. Há uma semana, todos esses vereadores estavam aqui debatendo com prefeito o aluguel social, para a gente conseguir dar dignidade, liberdade para cada um resolver para onde quer ir e onde vai residir durante esse período enquanto não consegue voltar para sua residência. Ou não existe um projeto público de como irá conseguir uma residência. Mas sobre isso ainda nós não tivemos nenhuma orientação da Prefeitura, Ver. Mauro Pinheiro, e até em seu nome, como Presidente da Câmara, eu gostaria de saber se a Prefeitura já tem um levantamento de quem será beneficiado, como irá fazer essa transição? Porque nós sabemos que levar as pessoas que hoje estão em áreas centrais para o Porto Seco, achando que lá nós vamos fazer uma minicidade, é um pouco utopia de uma Prefeitura que há três anos e meio não construiu uma creche, não construiu uma casa, e vai construir uma cidade? Essa é a pergunta. Então, aqui, nós, vereadores, depois seremos cobrados, porque é assim que funciona. Na enchente passada, depois que terminou o aluguel social, as pessoas perguntaram “Onde está minha casa?” - prometidas para o pessoal das Ilhas. Pois é, até agora nós não temos as residências. Fomos lá, tiramos fotos, a Defesa Civil foi lá, tem fotos de inúmeras casas nas Ilhas, e não teve nenhuma residência ainda sendo entregue em oito meses. Será que isso vai mudar? É essa pergunta. Ver.^a Lourdes, nós podemos, sim, em situação de calamidade... Nós tínhamos, teríamos que ter um projeto habitacional para as pessoas em vulnerabilidade que vivem nas áreas das ilhas. Essa é a realidade, uma política pública. Então isso nós não tivemos até agora, nós vamos ter depois? E o Humaitá, e outras áreas como o Menino Deus, que ficaram inundadas não por ser um lugar que não é para habitar, mas porque as bombas não funcionaram? Então nós não podemos generalizar que o problema é só de residências que não deveriam estar lá. Nós temos vereadores que estiveram ilhados, e será que as residências desses vereadores eram irregulares? Não, na verdade nós tivemos um sistema de bombas que não funcionou, e compete a nós, vereadores... Não precisa ser a questão de achar culpados, mas o que nós vamos fazer para que - quem reside no Menino Deus, no Humaitá, em diversas áreas que inundaram, no Sarandí, que deveriam ter capacidade de residir - não aconteça mais. Então acho que esse debate sério também, e principalmente pé no chão, e não em cima de construir uma nova cidade no Porto Seco, que a gente sabe, e eu vou ser bem pragmática, nós queremos tirar o problema que está nas áreas centrais e mandar para um lugar que ninguém vê. E isso é verdade, porque depois nós sabemos, nós vamos ter aquele movimento, vão ter aquelas manifestações, Ver.^a Biga, que está na minha frente, mas não vai ver a população como hoje está vendo, e a cobrança é menor

perante os políticos. Mas isso não é política pública, isso é empurrar o pó para debaixo do tapete, e é sobre isso que a gente tem que falar. Aí, do meu ponto de vista, não é sobre culpar prefeito A, X, B, porque passaram inúmeras gestões de inúmeros partidos políticos, e sim sobre como nós vamos fazer daqui para frente. E do meu ponto de vista, políticas habitacionais sérias, nós conseguirmos fiscalizar realmente um sistema contra enchentes e termos, o quanto antes, um projeto de aluguel social para cada cidadão resolver onde ele vai querer dar continuidade na sua vida é mais importante do que a gente criar manchete no jornal dizendo que a gente vai criar uma cidade no Porto Seco, que a gente sabe que só vai ficar empurrando o problema para mais adiante, sem ninguém olhar nas áreas centrais.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): A Ver.^a Biga Pereira está com a palavra.

VEREADORA BIGA PEREIRA (PCdoB): Presidente Mauro, colegas vereadoras, vereadores, penso que nós, neste momento, cada um de nós, fazendo tudo que pode, com as suas condições, com as suas relações - nesse momento não cabe julgarmos quem fez mais, quem fez menos, o quanto fez ou deixou de fazer -, precisamos mobilizar mais ainda pessoas para ajudarem. Os desafios, Ver. Cecchim, são muitos, muitos desafios que temos ainda, que são desafios que exigem respostas efetivas. O povo está sendo ajudado, como nós podemos. Muitos voluntários individuais, muitos voluntários, organizadamente, por instituições, doações chegando de todo lugar. Triste ver o governador dizer que não é para mandar mais doações, muito triste. É inacreditável! Que as doações continuem chegando, porque precisa. Já se resgatou, já se abrigou; agora passamos por um outro momento. Essas pessoas esperam de nós, elas foram vitimizadas por uma situação climática anunciada. O ano passado foi um ano marcado por ciclones, por situações climáticas que nos apontaram que precisávamos prestar atenção e tomar medidas preventivas. O que a gente viu? Casas de máquinas não funcionando, diques que não funcionaram, coisas estourando; muitas delas, gente, por falta de manutenção. Mas este momento não é o momento de fazermos a avaliação. Há muitos técnicos já dando suas opiniões, muito bem embasadas. Eu penso que nesse momento em que as pessoas precisam tanto de respostas imediatas o mínimo que eu espero, vereador, é que a Prefeitura apresente o seu plano, as suas estratégias; que esta Casa, que os vereadores tenham a oportunidade de exercer o seu direito e o seu dever. Nós precisamos fiscalizar isso. Qual é o plano mesmo? Ficar sabendo, gente, de uma cidade provisória... Eu não quero, não vou permitir que as pessoas que foram vitimizadas agora sejam guetizadas, num lugar que não tem a presença do Estado, não tem estrutura. Eu não quero uma limpeza étnica, eu não quero que as pessoas sejam segregadas. Eu sei que vocês também não querem; portanto, precisamos saber dos planos. Não é uma coisa, uma proposta só que vai resolver a questão da moradia, que para mim é a primeira. Tem pessoas...

(Aparte antirregimental.)

VEREADORA BIGA PEREIRA (PCdoB): Já está vereador, eu já estou abrigando. Aqui, neste momento, eu repito, não é para ver quanto um fez mais que o outro, aqui todos estão trabalhando com as suas condições. Essas pessoas precisam de respeito, gente; respeito é a primeira coisa. Vamos lá, eu quero apontar aqui quatro: moradia é a primeira, gente. Nós sabemos o quanto a moradia é o nosso porto seguro, seja ela chique com piscina, seja ela uma choupana, é o nosso porto seguro. Vamos lá, algumas têm como voltar, então vamos dar a estrutura para essas pessoas voltarem. Como é que vai ser o mutirão? Tem condições? Quem é que vai recolher os entulhos que sairão dessas casas? Tem que ser organizado. Educação: muitas escolas fechadas. Nós vamos ter que... Qual é o plano para abrigar e remanejar essas crianças para outras escolas? Precisa de uma logística, certo? Saúde: muitos postos estão debaixo d'água. Como é que nós vamos fazer com uma saúde que já vinha sendo debilitada e que agora vai se agravar com a chegada do inverno e com a consequência das enchentes? Leptospirose, hepatite, anemia, tudo isso. Como é que nós vamos ajudar a reconstruir agora, o imediato? O imediato? Por isso eu proponho aqui, Presidente, que, ao olharmos essas pessoas tão machucadas, a gente consiga dar o mínimo de respeito e dignidade a elas. Penso que a Câmara podia promover um debate com a Metroplan, com o Senge, com o DMAE, com o IPH da UFRGS, enfim, com técnicos, buscar a inteligência. Onde vamos fazer isso? Isso é o de menos, isso é bem de menos. Eu acho que nós devemos chamar a inteligência da cidade, que entende muito mais do que nós, para que nós possamos buscar a orientação, a opinião técnica, científica para as nossas decisões. É política! Acho que o prefeito Melo precisa nos apresentar esses planos; aí nós, com certeza, saberemos se o exemplo que vamos seguir é um exemplo que a humanidade já experienciou, como é o caso das áreas serranas do Rio de Janeiro, como é o caso do tsunami na Indonésia, que se socorreu, ou como é o caso do terremoto no Haiti, em que tiveram condições, inclusive, de fazer as suas casas-tendas, rapidamente. Nós temos experiência do que a humanidade já experienciou. Vamos buscar nossas experiências positivas. Essa é a minha proposta, Presidente. O local, eu lhe ajudo a encontrar o local, mas eu acho que a Câmara precisa exercer o seu papel, ajudar a apontar soluções para os problemas pelos quais a nossa gente está passando, e precisa de nós, precisa de cada um de nós, com as condições que cada uma cada um de nós tem. Muito obrigada.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): O Ver. Tiago Albrecht está com a palavra.

VEREADOR TIAGO ALBRECHT (NOVO): Muito boa tarde a todos. Presidente Mauro, doutor Luiz Afonso, nessas duas pessoas cumprimento os parlamentares e também a Casa. Realmente momentos, Ver. Bosco, de muita tristeza, de muita comoção, faltam até palavras para a gente definir o que todos nós temos visto, temos acompanhado. Ver. José Freitas, suas lágrimas são as minhas lágrimas, sua emoção é a minha emoção. Agora mesmo estava desenrolando ali 40 kg de carne para o abrigo da

Igreja Auxiliadora, que tem feito marmitas, aí sobrou um pouco ali na Rua Cipó, numa função conjunta da Igreja Luterana com a Brasa Church, de origem Batista, e o pessoal da Auxiliadora está indo lá buscar. E assim, com certeza o WhatsApp de vocês também, Ver.^a Comandante Nádia, não para. Eu não posso deixar de responder respeitosamente a Sua Excelência, Ver. Adeli Sell: não é *Fake News*, vereador, não é *Fake News*, os deputados do PT votaram contra o perdão da dívida pelos próximos três anos. O que foi feito foi pedalar, tanto que o PSOL votou pelo perdão, o PSOL votou, deputada Melchionna, o PSOL. Então a diferença é: sim, foi pausada a dívida em três anos, mas a emenda... Havia duas emendas, uma para perdão desses três anos, significaria R\$ 20 bilhões de fôlego, e havia uma emenda para perdão total. Então não é *Fake News* porque o deputado que ele citou é o meu deputado, Marcel Van Hattem, inclusive reverberei essa notícia. Então apenas para ressaltar que a emenda dizia que era perdão por três anos e o PT votou contra o Rio Grande do Sul. O PSOL votou junto, inclusive pelo perdão. Bom, mas eu não quero falar tanto de política partidária, eu quero dizer que onde estou atuando, temos atuado, Ver. Robaina, em três etapas dessa crise: a primeira, a mais importante, resgate, acomodação e sobrevivência; a segunda etapa é a volta, que em Porto Alegre ainda não aconteceu - aconteceu em Lajeado, depois desaconteceu porque o rio voltou - não é, Bosco? -, tiveram que sair; a terceira fase é da reconstrução, que é talvez a mais difícil. Então nós, como Câmara, a minha fala nesse sentido, para encaminhar, que nós começamos como legisladores a pensar, por exemplo, Ver. Cecchim, em isenção de IPTU, ISSQN para todos os imóveis e empresas - micro, pequenas, médias e grandes - afetadas pela água. E isso vai exigir que nós, da CEFOR – o Ferronato é o presidente da CEFOR –, já nos debruçemos, porque nós vamos estar abrindo mão de receita. Então essa já é uma forma de Porto Alegre, sem precisar injetar dinheiro, já começar, Ver. Bins Ely, a resolver ou tentar resolver a construção. Não resolve tudo? Não resolve tudo, mas, Presidente, e aí a gente tem que sentar como CEFOR, como Câmara, talvez todos juntos, ou deliberando as comissões, para a gente começar, porque o Executivo agora não tem como ver isso, até porque eles fazem o orçamento, mas somos nós que analisamos e votamos. E, daqui a pouco está aí uma oportunidade de nós, parlamentares, começarmos a discutir esse assunto, IPTU, ISSQN. Ver. Aldacir, eu não sei se foi o senhor que falou do banco ou se foi o Ver. Adeli Sell, acho que foi uma fala oportuna do Ver. Adeli. Era sobre era o Badesul, não é, vereador?

(Aparte antirregimental do Ver. Adeli Sell.)

VEREADOR TIAGO ALBRECHT (NOVO): O BNDES e, depois, o Badesul. Obrigado. Então, de a gente chegar e dizer: “olha, ICMS de doação – até o deputado Camozzato já propôs isso –, daqui para a frente, de empresas afetadas tem que ser isentado”. É uma forma de o Estado, como disse o Ver. Cassiá, não atrapalhar, de o Estado já deixar esse dinheiro, Ver. Ramiro, lá. E aí, em Brasília, e nós temos uma bancada de oposição forte na Câmara, que é situação lá em cima, de repente articular

também em PIS/Cofins, Imposto de Renda. É uma forma de o Estado não precisar despender; é só deixar na base para esse dinheiro girar, para esse dinheiro ser fomentado.

Então, meus amigos, que Deus continue dando força; que, em nome de Jesus, todos nós possamos seguir trabalhando, seguir aferrados e apegados em salvar esse povo. Tem muita gente precisando, e Deus vai usar cada um de nós, seja na nossa vocação pública de vereadores, seja na fé que cada um tem ali onde Deus colocar. Viva Porto Alegre.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): A Ver.^a Lourdes Sprenger está com a palavra.

VEREADORA LOURDES SPRENGER (MDB): Cumprimento o Presidente Mauro, as vereadoras, os vereadores, os funcionários aqui da Câmara e o público que vai assistir, certamente, nossa sessão especial. Nós queremos registrar esta calamidade, e que a nossa capital abriu as portas para os municípios, para os resgates dramáticos que iniciaram quando houve os alagamentos. Porto Alegre recebeu em torno de três mil pessoas só de Eldorado do Sul – esse é um dado que eu recebi; mas nós temos pessoas de Guaíba, nós temos pessoas, inclusive, de Canoas, mais das nossas áreas alagadas.

Então Porto Alegre veio dar esse amparo a essas pessoas. Mas, junto com essas pessoas, vieram aqueles que fazem parte da família, que são os animais. Queiram ou não queiram, hoje nós estamos em outra era, os animais fazem parte das famílias, dos seus sentimentos e da sua comoção ao terem que deixar o seu animal na casa alagada. Porto Alegre recebeu as famílias com os animais nos abrigos. E eu sei de um outro município onde eu tenho um familiar que teve que deixar os animais porque não era permitido levar no mesmo barco; depois – são fatos que a gente participa aqui – nós conseguimos que os bombeiros fossem ao edifício, pela janela, tirar esses animais, porque a pessoa não se conformava. Então Porto Alegre fez esse gesto. Temos os abrigos, é emocionante ver, são crianças, hoje uma pedindo colo, é bem emocionante, mas, ao lado, estava o gatinho da família. Ah, o gatinho? É, o gatinho da família, do menino. Os cães, junto com as famílias, nos abrigos de Porto Alegre. Não é como a casa, como a nossa casa, mas as pessoas estão amparadas, elas não estão no frio, elas estão recebendo alimentação. Aquelas pessoas voluntárias ficaram trabalhando nos resgates todos esses dias, e ainda estão chegando animais... Então essa fase dois, eu quero dizer que eu fico bem decepcionada com algumas pessoas. Eu soube que Canoas está mandando os animais para cá, mas nós temos outras partes altas em Canoas. Nós estamos recebendo, além das pessoas de fora, um número significativo de animais, e aquelas pessoas organizadas, como da Prefeitura, anotaram os nomes dos tutores para a devolução. Claro que, quem não tem casa, o animal vai ficar com o Poder Público, e é uma população imensa, gente. Estava chegando ao Centro Vida mais uns 200 hoje. Lá tem 750 cães, 50 gatos, 700 pessoas, e essas pessoas também têm os seus animais juntos na mesma albergagem. Então eu quero dizer para vocês que nós precisamos de veterinários, pois estão cansando,

precisam trabalhar nos seus consultórios. A Prefeitura não tem veterinário suficiente. Eu encaminhei um pedido de um contrato emergencial para veterinários temporários. Também precisamos de insumos, os animais podem chegar doentes, são geradas zoonoses. Então essa é a realidade. Muitas pessoas acham engraçado, mas essa é a realidade: movimentou mundos e fundos.

Eu quero encerrar agradecendo aos jipeiros – eu já fiz um trabalho com eles –, aos rapazes jovens, porque essa é outra geração, dos caiaques, dos *jet skis*, os barqueiros, o pessoal da vela, do Veleiros do Sul, do Sava Clube. Essas pessoas também têm que ser nominadas, as suas categorias, também quem vem de fora do estado, e mais o nosso povo. Nós conseguimos fazer muito, salvar muitas vidas, salvar os animais. E, agora, na fase dois, queremos ajudar, sim, o governo a dar um bom encaminhamento, pelo menos para não ter sofrimento. Muito obrigada.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): O Ver. Giovani Culau e Coletivo está com a palavra.

VEREADOR GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Boa tarde a todos e todas, agradecendo à AMRIGS, que nos recebe. Acho que não há possibilidade de começar qualquer discurso nesta sessão especial da tarde de hoje que não compartilhando a nossa solidariedade, a minha solidariedade não só com os porto-alegrenses, mas com todo o Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo em que eu confesso, Robaina e Cecchim, líderes da oposição e do governo, que, quando nós nos reunimos na Câmara de Vereadores de Porto Alegre, além da nossa solidariedade, que eu acredito muito que é coletiva, eu imagino que o centro para nós precisa ser traduzir a nossa solidariedade em ação política. É isso o que a população espera de nós. E daí eu gostaria de dialogar contigo, Ver. Bosco, pelo carinho que nós temos um com o outro. Talvez nós não tenhamos como dialogar com São Pedro; mas a nossa solidariedade, entre outras coisas... É um diálogo, Cecchim, que eu estou fazendo com o Bosco. A nossa solidariedade, na minha opinião, em primeiro lugar, precisa se transformar numa mudança de paradigma, porque nós não podemos mais dizer, toda vez que um evento climático extremo chega, que nós fomos pegos de surpresa. E há muita gente por aí que até hoje tem uma postura que eu defino – e não sozinho – como negacionismo climático, que nega as mudanças climáticas, Cecchim, e as suas consequências. E isso é grave. O Rio Grande do Sul e Santa Catarina são aquilo que nós chamamos de porta de entrada para esses eventos climáticos extremos, que vão ser cada vez mais frequentes e intensos. Talvez nós não possamos, e eu acredito que não, falar com São Pedro para resolver isso, mas nós temos que ter uma mudança de paradigma na política, de preparação das nossas cidades para essa nova realidade climática. Eu penso que esse é o nosso desafio.

Nós temos cinco minutos para falar, então eu quero ser objetivo sobre três temas, mais uma vez, dialogando com o Robaina e com o Cecchim, sobre questões que não foram ditas aqui. A primeira delas: o governo Lula acabou de anunciar uma série de medidas, agora em São Leopoldo, mas uma questão que não está resolvida é a necessidade

de ampliação de força de trabalho para dar conta das tarefas de reconstrução da cidade, de limpeza. Se falou aqui sobre o papel do voluntariado inclusive nos abrigos, mas seguir assistindo essas pessoas, aquelas que estão abrigadas e as que não estão, isso exigirá mais do que voluntariado a partir dos próximos meses. Os próprios voluntários e voluntárias vão precisar voltar para suas casas. Muitos que estão aqui são de outras cidades. Então nós precisamos de contratação extraordinária emergencial de mão de obra. Penso que essa é uma questão importante e que não está resolvida.

A segunda questão: o governo federal anunciou um auxílio de R\$ 5,1 mil, R\$ 5,2 mil por família. Penso que nós não podemos abrir mão de um auxílio emergencial permanente, porque isso não é suficiente em vários casos, como foi na pandemia.

Nós precisamos pensar também aqui na Câmara Municipal na situação dos trabalhadores informais. Alguns deles não tiveram a sua casa alugada, mas perderam a sua condição de sustento. Aos atingidos direta e indiretamente por essa crise toda.

Eu não poderia deixar de abordar o tema da cidade provisória. Eu penso que é, sem dúvida alguma, necessário pensar uma cidade provisória. Agora, a cidade provisória não pode reproduzir a lógica segregadora da cidade que nós temos.

(Aparte antirregimental do Ver. João Bosco Vaz.)

VEREADOR GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Perfeito, para concluir o meu raciocínio, Bosco. Para construir uma cidade provisória que não reproduz a ideia segregada de cidade, muitas vezes denunciada inclusive pelo prefeito municipal em vários dos posicionamentos que tem, da população que é excluída para os extremos da cidade sem a garantia de serviços. Eu quero compartilhar um raciocínio com vocês, meus colegas. Talvez a saída para garantir dignidade para as pessoas signifique nós não partirmos da premissa de ter um lugar para atender as 10 ou 15 mil pessoas. Nós precisamos pensar essa possibilidade de uma cidade provisória de forma descentralizada na cidade, para que a gente possa garantir dignidade e condições adequadas, ainda que provisória e emergencialmente.

Para concluir mesmo, Presidente Mauro, eu tinha outras coisas para falar. Eu sei que chegou à Presidência da Câmara e à Câmara de Vereadores um pedido que eu gostaria que a gente examinasse coletivamente – eu tenho acompanhado essas ações –, que é uma iniciativa da universidade federal de recuperação de eletrônicos de quem teve a sua casa atingida pelas enchentes. O pedido da universidade é para que assim que a água baixar e o galpão crioulo da Câmara não estiver mais alagado, que o galpão crioulo possa ser utilizado para essa iniciativa de recuperação de eletrônicos que a universidade vai desenvolver. Eu penso que, se possível, nós deveríamos acolher e atender a esse pedido da universidade. Eu tenho feito um esforço com o Ministério da Ciência e Tecnologia para ajudar a financiar uma iniciativa como essa. Muito obrigado.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): O Ver. Aírto Ferronato está com a palavra.

VEREADOR AIRTO FERRONATO (PSB): Meu caro Presidente Mauro Pinheiro, senhoras e senhores vereadores. Também vamos cumprimentar o presidente Gerson e agradecer por esse espaço; cumprimentar a todos que nos acompanham nessa tarde. Vou começar dizendo o que eu tenho me perguntado. Choveu, lá no final de abril, três dias, mais ou menos, um pouco mais, e o estrago foi deste tamanho; três dias. Agora, nessa semana, meu caro Robaina, choveu dois dias e o estrago foi ainda maior. É muito pouco tempo para o tamanho do que se apresentou. Eu conheço um pouco ou razoavelmente bem de drenagem, até porque estive por tempos na direção do DEP, lamentavelmente extinto - e votei conta essa extinção.

Sempre se falou e todos sabemos que os grandes rios do Estado têm a foz aqui no Guaíba, e que sempre se dizia, há muito tempo, que quando chovesse no Estado, na região da cabeceira desse rio, haveria e se repetiria o que ocorreu em 1941, e isso aconteceu. Sempre se disse, e temos que cumprimentar o sistema de drenagem, ou melhor, de contra cheias do DNOS, lamentavelmente extinto: diques e do muro da Mauá. Muita gente propõe tirar o dique e espero, e estou aqui para dizer: pelo amor de Deus, parem com essa bobagem de retirar o dique.

Agora outra pérola: na revitalização do Cais Mauá, que foi aprovado, temos outro problema, meu caro Presidente, agora a proposta é reduzir o muro para um metro e meio. Se isso acontecer, será um caos muito maior. Nós temos o dique e o muro que protegem contra a enchente, mas nós temos casas de bombas que empurram as águas à força para dentro do Guaíba e, com isso, minimiza alagamentos. Quando estive no DEP, na Câmara, eu falei por mais de dez vezes, fizemos um projeto de revitalização e ampliação de todas as casas de bombas. Sei lá por que cargas d'água não completaram o projeto, fui eu que levei para Brasília o projeto, no Ministério das Cidades. Porque cargas d'água eu não sei, perdemos os recursos e eles voltaram. Não temos mais. Agora se fala que não pode mais levar as pessoas, não pode mais ser colocado no mesmo lugar. Eu ouvi o Presidente Lula dizer isso, e outros. Será muito mais barato e necessário retomar, urgentemente, com um novo projeto, a reforma e ampliação das 20 e tantas casas de bombas. Ver. Cassiá, se nós não tivermos casa de bombas em Porto Alegre isso vai se repetir. Precisamos, lamentavelmente, buscar dinheiro de novo e fazer isso, porque aquilo que você se viu em 41 voltou duas vezes, três vezes; não somos profetas, mas vai voltar de novo. Precisamos das casas de bombas funcionando e aumento de altura – de altura – dos diques e do muro da Mauá. Se nós não tivermos diques e muro, será trágico ainda mais. Portanto, a minha proposta aqui, pensando um pouco mais adiante, é de que nós temos a questão da corda no pescoço urgente. Mas nós precisamos, e é muito mais barato e melhor, deixar a maioria das pessoas onde estão. Meu sogro mora na Vila Farrapos. Foi alagada, nós os retiramos de barco, de bote. Não sairia de lá de jeito nenhum. O que nós temos que fazer? Melhorar a proteção da cidade, melhorar as condições.

Eu queria também, por fim – tinha outras coisas mais – dizer o seguinte: eu ouvi falarem, ouvi as críticas à manutenção dos portões que não foram mantidos. Isto não é coisa de agora. A falta de manutenção do sistema de drenagem em Porto Alegre vem de

muito longe. Perpassou por muitos e tantos governos. Portanto, apenas uma pequena introdução no assunto, mas nós precisamos buscar formas, sugestões para a cidade.

Eu quero cumprimentar a todos os voluntários e *etc.*, cumprimentar os valentes e abnegados que estão nos abrigos, e cumprimentar as senhoras e os senhores vereadores pelo que todos estão apresentando. Um abraço e obrigado.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): O Ver. Conselheiro Marcelo está com a palavra.

VEREADOR CONSELHEIRO MARCELO (PSDB): Sr. Presidente e demais vereadores, venho aqui fazer uma fala depois de ver, desde o início, onde tudo começou a acontecer. Eu faço parte dessas pessoas que estão fora das suas casas. Eu fui poder tomar um banho quente depois de seis dias, porque, no primeiro dia, quando estourou a comporta nº 14, eu estava ao lado. E eu quero aqui fazer um agradecimento à minha esposa Carla, ao meu assessor Jeferson, pois daquele momento até o outro dia, nós viramos praticamente dois dias direto. Durante a noite, nós pedimos, Presidente Mauro, ônibus, ligávamos para o Adão, teve ônibus que nós botamos 120 pessoas, Ver. João Bosco. Era cachorro, era tudo, porque as pessoas... Eu comecei fazer uma *live* e as pessoas começaram a entender a real situação em que a nossa comunidade estava. Durante a noite eu parei mais ou menos lá pelas 9h40min, eu e minha esposa, e tinha momentos em que eu sentei e eu dizia: eu não tenho mais forças. E a minha esposa me disse: "Tu precisas estar de pé". E ali nós continuamos. Eu quero também agradecer à Equatorial, que mandou mais de 20 caminhões que foram fundamentais para tirar muitas famílias de dentro da minha comunidade. Foram mais de 3 mil famílias que nós conseguimos tirar e situações que ninguém imagina o que nós passamos lá. Então eu vejo demagogia. Eu estou de bota hoje, eu não estou com aquela roupa de neoprene, mas eu estou todo dia dentro da água. Os voluntários estão sendo incansáveis, são fundamentais, mas infelizmente há muita demagogia de candidatos ou de políticos que chegam em pontos querendo barcos. "Eu preciso de um barco porque eu preciso fazer umas fotos". Essa é a realidade, gente. Eu acho que é o momento de a gente se unir. Não tem partido. Pessoas chegando com galão de gasolina, a outra pessoa vindo bater foto atrás, deputados, que largam o galão e "Deu, agora já fiz o registro, vou embora". Essa é a realidade. Então eu digo para vocês: não brinquem com a realidade do nosso povo. Eu sei e estou vivendo a dor de cada pessoa que está sentindo o que é perder. A minha esposa tem uma cena que ela tirou uma pessoa de dentro de um valo e botou um bebê recém-nascido dentro da blusa para poder tirar. Essa é a realidade. Então nós temos que prestar atenção, tem muitas pessoas que estão dentro de abrigos, mas também nós temos que pensar naquelas pessoas que estão na casa de amigos. Eu recebo inúmeros pedidos de ajuda, pois em duas peças tem 15 pessoas. E nós temos que chegar nessas pessoas. Nós temos que ter uma força-tarefa para poder chegar nessas famílias. Tem casas que estão acolhendo 30 pessoas. Então eu peço que, nesse momento, não pensemos em lacrar, em querer usar da infelicidade, da tragédia das pessoas em momento eleitoral. Depois a população vai saber

realmente quem estava ao seu lado e quem não estava. Eu quero aqui também agradecer ao Ver. Moisés Barboza que foi incansável, inclusive quem me resgatou, resgatou a minha família, o meu pai, foi ele com seu barco. E está sendo incansável também o Ver. Gilson, que está com um abrigo lá na Zona Sul, acolhendo a minha comunidade e tratando muito bem. Só tem elogios da nossa comunidade lá, então gratidão a todos e é o momento de união. Obrigado.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): Enquanto a Ver.^a Comandante Nádia está se deslocando, eu quero dizer que relataram que a Equatorial foi fundamental para que pudessem deixar a zona dos alagamentos quando saíam dos barcos. Então também quero fazer justiça. Critico sempre a Equatorial, mas nos alagamentos... Já ouvi outros relatos também de que eles ajudaram muito. A Ver.^a Comandante Nádia está com a palavra.

VEREADORA COMANDANTE NÁDIA (PL): Muito obrigada, Presidente Mauro Pinheiro, em seu nome quero cumprimentar os colegas vereadores, os funcionários da Câmara de Vereadores que não se cansam em trabalhar, seja na segurança, seja no apoio a todos os vereadores. Cumprimento especial aqui ao presidente da Amrigs, o Dr. Gerson Junqueira, que está aqui abrindo as portas dessa importante associação para que possamos estar reunidos neste momento. Eu vou dividir minha fala muito rapidamente em três momentos. Primeiro, o agradecimento aos voluntários. Milhares de voluntários aqui estão em Porto Alegre, em Guaíba, em Canoas, no Rio Grande do Sul, e que vieram de diversas partes do nosso País, além daqueles que fazem parte diária do nosso convívio. Os voluntários, por certo, hoje são em número de mais de 17 mil, estão aqui fazendo e dando o seu melhor para salvar vidas. E, por óbvio, não poderia deixar de parabenizar o trabalho da Brigada Militar, da Polícia Civil, dos Bombeiros, da Defesa Civil e também da Guarda Municipal que têm feito o seu melhor. E, por óbvio, os voluntários são em número maior porque o contingente dessas instituições é bem menor e tem se desdobrado diuturnamente para salvar vidas e fazer o seu melhor, como tem feito ao longo dessa tragédia aqui no Rio Grande do Sul.

Meu segundo momento de fala é, e muitos vereadores aqui falaram, a respeito de etapas que nós estamos vivendo, e cada etapa tem o seu momento adequado. Primeira etapa, salvar vidas, tirar aquelas pessoas dos lugares onde elas não poderiam mais estar. Segunda etapa, limpeza da nossa cidade; é óbvio que precisaremos de equipamentos, de maquinários para limpar antes de recolocar essas pessoas nos lugares onde elas vão morar. E conversar neste momento sobre o Plano Diretor é fundamental. Recolocar as pessoas onde nós teremos problemas logo ali na frente é o adequado? Teremos outros ambientes mais adequados para reconstruir vidas, casas, habitações? Nós, vereadores, temos essa função primordial, conversar sobre o Plano Diretor e direcionar lugares onde essas pessoas vão precisar morar. E quando nós falamos em moradia, nós falamos também em saneamento básico, falamos em saúde, em educação, falamos em linhas de ônibus que ali cheguem, falamos em economia, porque poucos estão falando. A economia será o grande

gargalo ali na frente. Muitos empresários estão com seus negócios embaixo d'água. O setor de eventos já colapsou. E quando nós falamos em eventos, muitas pessoas pensam que é festa, mas nós estamos falando em garçons, em doceiras, em pessoas que decoram, em pessoas que são manobristas. E o próximo que nós temos que cuidar é do desenvolvimento econômico da nossa cidade, que já não está recebendo insumos, que já não está conseguindo fazer o que precisa ser feito. Nós, vereadores, temos que falar também disso, das pessoas que não foram desabrigadas, mas que não estão trabalhando porque os locais de trabalho estão inundados, nas pessoas que trabalham informalmente e não estão conseguindo trabalhar. E essas pessoas também precisam ser acolhidas, também estão precisando de cesta básica, de água potável, que também estão precisando do nosso apoio.

E o terceiro e último ponto que eu vou tocar aqui é sobre muitas pessoas que estão dizendo que não precisamos politizar, não devemos politizar, mas tudo é política, gente. As decisões em nível federal, estadual, municipal passam pela mão de políticos, e as decisões são políticas, e nós estamos aqui porque somos políticos. Então me parece que, às vezes, quando nós não queremos falar de política, nós também estamos, de certa forma, tirando o dever de fazer dos políticos que estão em lugares que foram colocados ali para decidir. As decisões, as omissões, fazem parte da boa ou da má política. A política é gestão. E eu quero cobrar, em nível federal, a capacidade política do Presidente de nos ajudar. Eu quero cobrar, sim, a capacidade política do governador de atuar, e do prefeito. Então nós não podemos dissociar neste momento, a política, a boa política que alcança orçamento, a boa política que pensa em gestão, a boa política que pensa em estratégia. Fazer política é uma coisa, cobrar a política de quem está ali eleito para fazê-la é outra, e eu vou continuar cobrando, continuo cobrando valores do governo federal que precisam ser entregues aqui no Rio Grande do Sul, em especial, em Porto Alegre. Quero cobrar da Defesa Civil do Estado que recebe doações e deve fazê-las, entregando, seja para o segmento dos *pets*, que não recebeu ainda do governo do Estado, seja para pessoas que precisam receber doações, como cesta básica. E cobrar, sim, apoiar e dirigir informações, críticas e soluções para o governo municipal. Muito obrigada.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): Os próximos inscritos são o Ver. Gilson Padeiro, o Ver. Ramiro Rosário e o Ver. Idenir Cecchim. Quando eu falei aqui, vereadores, que o nosso debate era muito mais para a gente se organizar, claro que em determinado momento nós vamos fazer o debate de tudo que aconteceu

e vamos buscar as discussões, mas acho que hoje era muito mais para a gente poder ouvir os vereadores, dar espaço para todos os vereadores, por isso a gente fez neste formato de sessão especial, para que todos pudessem falar, não só os líderes. O Ver. Gilson Padeiro está com a palavra.

VEREADOR GILSON PADEIRO (PSDB): Boa tarde, Presidente Mauro, colegas vereadores e vereadoras, funcionários da Câmara, Amrigrs, que está nos recebendo. Mas hoje a gente tem que dar uma boa-tarde e saudar a todos os voluntários

que estão trabalhando, que estão salvando vidas, que estão ajudando a dar dignidade para essas pessoas que perderam tudo. Faço aqui um relato, porque, no dia 3, o Guaíba começou a subir lá no Belém Novo e eu comecei a caminhar, andar de hora em hora lá na frente da subprefeitura, no Poletto, olhar a guarita que tinha lá, e eu fazia uma medida nela, eu ia de hora em hora. Eu fui às 6h, fui às 7h, depois eu fui às 9h, eu fui até às 6h da manhã, Presidente, olhando, e a comunidade ali, e a água subindo. Depois começou a comunidade a bater, a chamar: “Cadê o padre da igreja? Cadê o vereador que administra o ginásio? Não vai abrir?” Eu comecei a pedir socorro para a Defesa Civil, para a Brigada Militar, e aí eles não queriam abrir. Não queriam abrir, Oliboni, porque... Não a Prefeitura, estou falando da Brigada Militar, porque lá eu só tenho dois chuveiros no meu ginásio. E aí eu disse: “Não, se eu chamei vocês aqui, vocês têm que me respeitar, e eu quero abrir o espaço. Um espaço que é um ginásio de esportes, que a gente loca para futebol, e nós temos uma escola infantil com 150 alunos. Aí se acabou tirando todas as atividades, para abrigar. Os primeiros 90 desabrigados que chegaram lá eram todos da comunidade do Marcelo, aqui do Humaitá, Farrapos, ali do 4º Distrito, que chegaram lá às 4h da madrugada do dia 4 para o dia 5. A gente alojou o pessoal lá, e começamos a fazer o trabalho. Hoje está fazendo 12 dias, das 6h da manhã, no meu caso, até a meia-noite, todo dia, 24 horas por dia. A Comandante Nádia esteve presente, o Ver. Pablo esteve presente olhando o trabalho. Hoje nós estávamos com 111 desabrigados, e a gente dando todo carinho possível. Teve o relato duma moradora ali do Humaitá que tinha uma padaria. Ela tinha todos os equipamentos, até uma balança para medir, para pesar fermento, para saber a quantidade de fermento que ia num pão. Está um padeiro que nunca fez pão falando aqui, tá? E ela disse: “Eu perdi tudo”. As pessoas: “Eu tinha tudo na vida, hoje eu não tenho nada, eu saí com a roupa do corpo”. E eles estão lá e não querem sair de lá no momento. Quando a gente vê todo esse tumulto – o Culau vivencia lá também –, o pessoal fala em casa de bomba. É importante, mas o que é que a gente vai fazer para resolver o problema do sul, do Extremo-Sul de Porto Alegre, onde é tudo aberto? Quando a água vem, leva tudo. É difícil, não é? O Lami, a metade do Lami, da reserva para a praia, Otaviano José Pinto, Av. Beira-Rio, está tudo tomado de água. A água bateu, as paredes caíram, tem gente que não tem mais casa, as pessoas estão na rua. A sorte da gente é que a gente tem um povo solidário. É o povo entregando alimento, é o povo doando roupa, é o povo dando colchão. Até aproveitando, Lourdes, desculpa: quando chegou o pessoal do Humaitá, chegaram todos com seus pets e dormiram com seus pets no primeiro e segundo dias. Depois a gente conseguiu um alojamento para eles, porque os bichinhos fazem parte da família. Mas é muito triste tu olhar e ter a solidariedade, tu pedir ajuda e a ajuda não vem. Eu recebo lá, quando eu peço uma cesta básica, eles mandam um caminhão de água. Água não mata a fome, gente! A nossa sorte é que eu tenho um amigo que está muito forte com a gente, que é o Antônio Corrêa, um cara que é criador e competidor com cavalo crioulo em provas de rédea, ele tem muito amigo no Brasil, e vieram para nós cinco carretas de Joinville com alimentos, com água, com cobertor, com colchão, com material de limpeza. E tem também a família do Alexandre

Pato, lá de Pato Branco, através do Pato, mandou duas carretas de alimento para nós, a gente está conseguindo montar cestas básicas e entregar. Já foram mais de 1.500 cestas...

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): Um minuto, vereador.

VEREADOR GILSON PADEIRO (PSDB): Desculpe, Mauro, eu vou, de repente, me alongar um pouco mais. Já foram mais de 1.500 cestas básicas entregues lá, e a gente espera que o nosso poder público, de repente, através... Tem muita gente que não quer largar, não sei por quê. Eu acho que está na hora de a gente começar a abraçar o nosso prefeito Melo e começar a trabalhar, resolver o problema que a cidade precisa. Hoje não tem que achar culpado para nada, ninguém é culpado, ninguém é culpado na natureza. Em 300 anos, nunca teve o que está acontecendo hoje. O muro da Mauá ia defender? Não, a chuva que veio, a água que veio, a gente não precisa fazer isso.

(Aparte antirregimental do Ver. Roberto Robaina.)

VEREADOR GILSON PADEIRO (PSDB): Robaina, sempre te escutei, nunca te critiquei. Então é isso. Vou encerrar por aqui, senão vou me incomodar com alguém. Um abraço a todos e muito obrigado.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): O Ver. Ramiro Rosário está com a palavra.

VEREADOR RAMIRO ROSÁRIO (NOVO): Pessoal, então... Que que é, Robaina? Antes de mais nada, quero agradecer a presença da Câmara de Vereadores na Amrigs, agradecer por abrir as portas para que a gente possa retomar, de alguma forma, os trabalhos pela cidade no âmbito do Legislativo.

Também quero parabenizar todos os voluntários, as pessoas que estão lá na ponta. A sociedade está funcionando, Comandante Nádia, como se fosse um organismo vivo, sem um comando central, sem um controle central, e isso não por falta de vontade de comandantes ou de governos, mas, sim, porque o tamanho da calamidade, da tragédia que assola a nossa cidade e todo o Estado do Rio Grande do Sul inviabiliza qualquer tipo de comando central, de controle central. A sociedade tem dado um retorno muito efetivo nesse ponto, nós temos visto milhares de voluntários lá na ponta ajudando a salvar outras pessoas de uma forma muito desprendida. E aqui entram servidores públicos, entram empresários, entram pessoas comuns, cidadãos que estão lá se doando, ricos e pobres, absolutamente todos trabalhando, para que a cidade possa salvar o maior número de vidas neste momento.

Com relação à Câmara de Vereadores, Presidente Mauro Pinheiro e demais colegas, eu acho que seria importante – e se estava no relatório, acabou passando despercebido por mim –, primeiro, o volume de recursos que nós teríamos para devolução, ou a previsão de recursos que nós teríamos para devolução, este ano, ao

Executivo. Eu acho que esse é um ponto importante dentro do orçamento que já estava previsto na Câmara até o final do ano, e aquela possibilidade de devolução ao Executivo, o quanto isso representaria.

Obviamente, ainda não temos condições de poder realizar um orçamento fidedigno de tudo o que nós precisaríamos para colocar o nosso Palácio Aloísio Filho em funcionamento. Isso deverá também, de alguma forma, ser considerado e abatido.

Com relação aos repasses para o Executivo, eu sugiro fortemente, Presidente Mauro, que nós possamos encaminhar esses recursos com uma destinação específica. Por que isso? Porque nós já temos visto ao longo dos últimos dias, e também as projeções que estão acontecendo de repasses do governo federal, do governo estadual, do próprio governo municipal, para fins específicos. Mais do que isso, através das forças dos voluntários, das empresas, em muitas áreas dentro do todo que são necessárias para o atendimento das pessoas, nós já temos bons volumes de doação. Por exemplo, alimentação: nós sabemos que estão chegando do Brasil inteiro, devido à comoção, carretas e carretas de alimentação. Então, no momento em que nós pudermos aqui fazer a destinação dos recursos do Legislativo para o Executivo, eu vejo que eles devem ser concentrados justamente naqueles pontos onde há maior dificuldade, Presidente Mauro, de nós conseguirmos doações da iniciativa privada, das pessoas, da sociedade e dos governos, concentrar aqueles recursos naquele volume de necessidades que será mais difícil de nós podermos atender.

Além disso, da questão dos recursos da Câmara, foquei aqui em três pontos principais que já foram debatidos por muitos dos colegas. O primeiro, habitação, e aí diz respeito também ao Plano Diretor. Nós não podemos aqui conceber que muitas das pessoas que antes estavam morando em áreas que são completamente de risco, tanto para enchentes mais comuns do Guaíba quanto para esta que aconteceu agora, que elas possam retornar para esses ambientes. Essa é uma decisão muito dura, e não se trata aqui de higienização, não se trata de querer levar pessoas para outras regiões – e não concordo com isso, inclusive –, mas nós precisamos fazer um profundo debate como cidade, e esse debate será muito duro, será muito difícil, por exemplo, sobre a ocupação das nossas ilhas. O 4º Distrito também, muitos pontos do 4º Distrito, em áreas irregulares, onde nós temos moradias extremamente vulneráveis, comunidades que nunca foram regularizadas. Nós não podemos, como cidade, agora conceber que muitas dessas famílias acabem voltando para essas áreas. É preciso que, como cidade, nós construamos, sim, tanto a possibilidade de aluguel – sabemos das dificuldades, como disse o Ver. Idenir Cecchim aqui, de disponibilidade no mercado imobiliário para isso – e também a construção de moradias na área central, seguindo novos parâmetros inclusive que nós precisamos discutir aqui dentro do Plano Diretor.

Além disso, quando se trata de criar grandes comunidades, e eu acredito que é louvável aqui a iniciativa, ou pelo menos a proposta da Prefeitura com relação ao Porto Seco, mas me preocupa muito, Ver. Mauro Pinheiro, e eu acredito também que seja a preocupação de todos aqui, dos colegas, que, muitas vezes, uma solução provisória acaba se transformando numa solução permanente. Eu tenho muito receio de nós criarmos lá no

Porto Seco uma comunidade para 10 mil pessoas, e nós vislumbrarmos aqui dentro de toda a burocracia que existe dentro da máquina pública, não apenas de Porto Alegre, mas do Brasil inteiro, todas as necessidades que acabarão surgindo, semana após semana, mês após mês. Eu acho muito difícil nós conseguirmos colocar um projeto deste volume com início meio e fim, acredito que ele precise ser melhor debatido, até mesmo a forma que será feita, embora seja obviamente uma solução plausível, porém me parece que, se ela tiver fim, será mais difícil.

Por fim aqui algumas medidas práticas para finalizar, Presidente Mauro Pinheiro. Com relação ao pacote de auxílios aos empreendedores que está sendo promovido pela Prefeitura, eu gostaria de fazer algumas sugestões. Primeiro ponto, que nós possamos ter uma espécie de alvará provisório, um alvará da calamidade para as empresas que estão nas áreas alagadas ou que tiveram as suas sedes destruídas. E que elas possam ter um alvará provisório, tanto de localização quanto sanitário para poder seguir desempenhando seu negócio; para poder seguir recebendo, por exemplo, produtos de seus fornecedores por um período de seis meses, renováveis por mais seis meses, até que a gente possa ter o fim dessa calamidade. Por quê? Muitos desses depósitos, muitas dessas empresas que estão em áreas alagadas hoje, elas acabam, lá na origem dos seus fornecedores de insumos, de produtos, sendo cobradas com relação à documentação, elas precisam estar regularizadas pela Prefeitura Municipal. Então, para que elas possam temporariamente locar, por exemplo, um outro imóvel numa área que não está alagada, é fundamental que se tenha esse tipo de alvará provisório tanto de localização quanto sanitário e outros, por fim, para que eles possam seguir desenvolvendo as suas atividades e assim também promovendo a manutenção dos empregos.

Também precisamos discutir, Ver. Mauro Pinheiro, sobre a prorrogação dos programas Centro Mais e +4D para que não apenas a possibilidade de inscrição de imóveis que busquem o benefício tributário e de construção civil, Ver. Mauro Pinheiro, que nós possamos ampliar a data de 2025, que era o prazo limite, então, para que a gente possa ter mais tempo para isso como também o próprio benefício.

Fora isso, a discussão também iniciada do Plano Diretor, até mesmo para que a gente possa revisar a cota da nossa cidade, que, para construções, é de cinco metros, e se mostrou, infelizmente, ineficiente. Muito obrigado.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): O Ver. João Bosco Vaz está com a palavra.

VEREADOR JOÃO BOSCO VAZ (PDT): Sr. Presidente Mauro Pinheiro, vereadores e vereadoras, eu não iria me pronunciar, mas vários assuntos transitaram por esta tribuna. E, quando a gente vive uma tragédia como essa, uma guerra como essa, uma terra arrasada como essa, a gente conhece o melhor e o pior do ser humano. É claro que essa tragédia poderia acontecer com qualquer prefeito, com qualquer governador. Caiu no colo do Melo; caiu no colo do governador Eduardo Leite. Mas é preciso levar em consideração também a força da natureza. Nem os institutos de clima tinham previsto que

pudessem as águas provocar essa tragédia. E eu vou dizer uma coisa aqui, embora existam realmente pessoas querendo ter ganho político, isso não vai acontecer, porque nessa terra arrasada que nós estamos, nessa guerra que nós estamos, primeiro, não há espaço para isso; segundo, não tem clima para isso, não tem clima para campanha, não tem clima para eleição, não tem clima para pedir votos – e está falando aqui quem não é candidato. As pessoas estão feridas, as pessoas estão derrubadas, as pessoas não sabem para onde correr. E, quando colegas vêm aqui e cobram: “Queremos saber o plano da Prefeitura”, por favor, deixa o prefeito Melo respirar – deixa o prefeito Melo respirar –, deixa o governador respirar. Olha a fisionomia do prefeito Melo, olha a fisionomia do governador, do Paulo Pimenta, que está envolvido com isso aí. Meus colegas, vereadores e vereadoras, esse momento de reconstrução vai doer muito – vai doer muito. Não se surpreendam se, quando essa água baixar, corpos de pessoas forem encontrados submersos, de animais. A dor vai ser pior. Eu estou ajudando como eu posso, mas quero dizer para vocês que eu não tenho mais lágrimas para chorar quando eu fico na frente da televisão assistindo a tudo o que está acontecendo. Inclusive, a partir de hoje, não vou assistir mais, porque isso está me fazendo mal, um mal para a minha saúde mental, para minha ansiedade. Porque é impossível, a gente quer ajudar, mas a gente não consegue ajudar todo mundo! E a vontade que a gente tem é de ajudar todo mundo. “Perdi tudo”. Assim eu pudesse chegar lá e dar o refrigerador, dar o fogão, dar a cama. Aí um amigo liga: “Perdi tudo”. Minha gente, precisamos ter calma, precisamos estar unidos, precisamos ajudar o prefeito Melo a reconstruir isso tudo, o governador, o governo federal. Temos que reconhecer que o governo federal está sendo ágil, está ajudando. Essa questão da dívida pública que foi postergada, que não foi perdoada, é um grande avanço – são R\$ 11 bilhões que o Estado pode aplicar na reconstrução de muitas cidades. Agora, por onde começar em Porto Alegre? Se o prefeito fosse o ex-sogro do Robaina, o Tarso Genro, uma pessoa que eu respeito, competente, qualificada, também estaria na mesma situação que está o Melo. Se fosse o Raul Pont, se fosse o Fortunati, o Fogaça, inclusive, até o Marchezan, provavelmente, tivesse alguma luz. (Voz embargada.) É que me emociona, vereador, ter que vir a esta tribuna para pedir encarecidamente: vamos nos unir minha, gente, a eleição é lá na frente; não tem espaço para politicagem, não tem espaço para pedir voto, não tem espaço para fazer *selfie*. Não tem espaço porque as pessoas já estão fragilizadas, as pessoas já tão envergonhadas, aí as pessoas recebem ajuda e lá está a *selfie* postada nos meios, nas redes sociais. Eu me envergonho com isso, mas respeito cada um com a sua conduta. Vivemos, então, terra arrasada, uma guerra, e não se surpreendam, vai piorar, mesmo com as águas baixando.

E para encerrar, Presidente, nessa questão que o meu querido colega Culau falou sobre o Porto Seco: qualquer lugar de Porto Alegre, neste momento, é melhor do que onde essas pessoas estão. É uma cidade provisória, e o Ramiro mostrou uma preocupação de não se tornar permanente. Obviamente que não pode se tornar permanente, mas retirar essas pessoas de onde elas estão e dar um pouco de dignidade... Pode ser em qualquer área de Porto Alegre, pode ser em qualquer terreno de Porto Alegre;

as pessoas não podem ficar a vida toda amontoadas em um ginásio esportivo. Muito obrigado, Presidente.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): O Ver. Roberto Robaina está com a palavra, pela oposição.

VEREADOR ROBERTO ROBAINA (PSOL): Eu não vou falar aqui das questões pessoais com que nós estamos envolvidos nessa tragédia. Tenho muitos familiares na Ilha da Pintada que talvez tenha sido o lugar que mais foi atingido. Então eu acho que essa parte a gente pode dispensar, os dramas pessoais. Porque os dramas pessoais das pessoas que foram atingidas diretamente e das pessoas que não têm o que comer hoje... Porque está tendo problema de alimentação, e é o primeiro ponto que eu levantei. Antes tinha o tema dos resgates, agora está tendo problemas de alimentação, porque não só nos abrigos oficiais, mas com os milhares de pessoas que estão fora dos abrigos oficiais, porque foi incentivo do governo. E eu acho que é lógico que seja assim, as pessoas também raciocinam desse jeito de ir para a casa de um amigo, de um parente. O próprio Marcelo Conselheiro deu o exemplo do pessoal da região da Zona Norte que foi parar no Lami. Então isso é da lógica das pessoas, mas o poder público precisa cuidar das pessoas que foram atingidas pela enchente. Eu acho que o poder público precisa cuidar por uma questão humanitária, mas também porque há responsabilidade do Poder Público, não é só o aumento das chuvas, não é só porque é uma situação excepcional. Bem, a situação excepcional também é responsabilidade do Poder Público porque está ligada à crise climática que, como muito bem disse o Culau, muitos políticos negam a existência. Mas aqui nós temos um histórico. Nós tivemos a crise envolvendo a enchente de 1941 e, a partir da enchente de 1941, se discutiu toda uma série de sistemas de proteção da cidade de Porto Alegre com obras muito importantes de engenharia, e a história foi esquecida. Então, quando se diz como é importante lembrar a história, não esquecer a história, este é um exemplo. Se esqueceu a história a tal ponto de que era sinal de inteligência dizer que o muro tinha que ser derrubado, era sinal de inteligência dizer que podia se fazer grandes obras durante... Isso passou a ser... Eu me lembro do deboche que existia contra os ecologistas ligados sobretudo a uma ideia científica da importância do muro, da importância de manter uma arborização, de não fazer simplesmente uma cidade de concreto na beira do rio ou do lago.

Então esses debates vão ter que ser feitos porque, ou se aprende na reconstrução, ou então é uma coisa que não tem cabimento. Esse é o ponto, essa é a maior importância da avaliação, do balanço. É muito importante os especialistas dizerem se teve ou não problema de manutenção. Vai ser muito importante porque isso significa fortalecer o DMAE ou terminar de sucateá-lo, ou o que o Ferronato falava sobre o DEP. Então eu não sou engenheiro, não vou dar... Mas os engenheiros que estão aparecendo dizem que faltou manutenção, então isso depois nós vamos ter que aferir; são debates que nós teremos que fazer. Eu quero insistir, o Oliboni levantou também, o Adeli colocou, eu não sou do governo federal, não sou do PT, mas os dois vereadores do PT e o Comassetto no

grupo dos vereadores disseram que é preciso criar uma relação entre governo municipal, governo estadual e governo federal. O que eu sugeri acho que é uma necessidade – o Oliboni também colocou nos mesmos termos – é que a Câmara participe disso. Se tem uma comissão especial, que a Câmara participe, a Câmara não pode ficar alheia a um processo de reconstrução e deve discutir critérios, porque é evidente, Bosco, que existem reconstruções e reconstruções. Nós temos uma tragédia que atingiu a todos, atingiu a todo o Estado, esse é o elemento que une, o fato de ter atingido a todos. O Estado do Rio Grande do Sul é o quarto estado em termos de produção interna. O Estado do Rio Grande do Sul – eu já vi economistas dizerem que a queda do PIB nacional pode ser de 0.5 – é o maior estado que garante o abastecimento de arroz no País todo, é um estado que produz máquinas agrícolas. Então essa tragédia colocou, numa posição de decadência, um estado que tem importância na acumulação de capital – e eu não sou capitalista, mas isso é um reconhecimento óbvio – então atingiu a todos. Agora, como é que será a reconstrução? Eu acho que é muito importante, do meu ponto de vista, fiscalizar que a reconstrução não seja uma reconstrução em que os mais pobres sejam abandonados, o que infelizmente ocorre muitas vezes. Se garante o capital, se garante àqueles que têm mais recursos e que tem um papel protagonista na economia, e aqueles que não têm ficam atirados, abandonados. Eu creio, e é nisso que eu queria insistir, que quando nós falarmos, por exemplo, no tema da habitação... O governo Lula fez uma série de medidas – eu não vou discutir agora – e uma delas foi muito importante, que foi a suspensão do pagamento da dívida estadual por três anos, sem contar os juros. Olha, Bosco, os juros da dívida de R\$ 11 bilhões! O que vão economizar só com os juros é mais de 12, quer dizer, olha o nível de agiotagem que se tem. Mas, bem, foi realmente importante; essa medida importante tem que ser valorizada. Ao mesmo tempo, nós temos que pensar em como garantir, e é nisso que eu quero insistir, Mauro, pois eu vejo que é importante a Câmara debater isso, que é o tema habitacional, e o Culau colocou... Ele também colocou o tema do emprego, se nós vamos ou não vamos abrir frentes de trabalho para garantir a limpeza da cidade. Porque tem muito desemprego, vai aumentar o desemprego.

E, na habitação, eu quero insistir que eu tenho um projeto na Câmara, e o Tiago falou da questão do IPTU. Bem, está na mão dele um projeto meu de isenção do IPTU para as enchentes anteriores. Espero que o Tiago ajude a fazer com que esse projeto seja acelerado e que seja votado, porque não é a primeira enchente que nós tivemos. Nós já tivemos enchentes e já tivemos perdas, por isso que eu fiz a proposta de isenção do IPTU. Espero que agora seja aprovada, que o governo mesmo encaminhe, porque é muito mais fácil para que uma proposta seja aprovada quando o governo encaminha, assim como a do DMAE.

Mas nós temos que pensar, e com isso concluo, no tema que eu insisto: nós necessitamos de uma reforma urbana e habitacional na cidade. Não pode ser uma cidade gueto, no Porto Seco, onde 10 mil sejam colocadas lá, onde a maior força do Estado que tem é a polícia; isso não pode ser. É preciso solução emergencial, sim, mas é preciso uma mudança estrutural, e tem imóveis de sobra para garantir que as pessoas tenham moradia digna. A Prefeitura tem que fazer um estudo e cobrar. Se o governo federal tem que entrar

com recursos, bem, o nível de indenização que esse tipo de política pode exigir eu não sei, isso é preciso estudar, isso os técnicos precisam estudar, mas não é possível que não tenha uma reforma urbana e habitacional depois que milhares de pessoas perderam as suas casas. Muito obrigado.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): Bom, eu também quero fazer uma pequena fala aqui antes de passar para o Ver. Cecchim. Quero dizer que eu divido, Ver. Robaina, a situação de Porto Alegre e do nosso Estado em quatro fases. A primeira fase foi o alagamento, a enchente, e as pessoas saindo das suas casas. Muitas saíram, outras tiveram que ser resgatadas. E essas pessoas foram para os abrigos onde foram acolhidas em torno de 15.000 pessoas; um grande número de pessoas que foram para casas de amigos e familiares. E, nesse momento, a gente vê que nos abrigos, na sua grande maioria – eu fui em vários abrigos – têm uma boa alimentação, apesar da qualidade de ficarem ali nos abrigos, eles estão razoavelmente bem acolhidos. Mas as pessoas que já estão nas casas de familiares – muitas das pessoas que moram em locais já fragilizados – que são pessoas de poucos bens materiais, estão passando uma dificuldade maior. E é um número maior do que o das pessoas que estão nos abrigos. Eu tenho tentado ajudar – e muitos vereadores, tenho certeza, estão tentando ajudar –, mas está muito difícil de, primeiro, localizar as pessoas, e as pessoas acabam nos procurando inclusive pelas redes sociais. Quando veem que a gente está ajudando, nos procuram e a gente tem tentado ajudar, mas tenho encontrado uma dificuldade muito grande, porque a solidariedade do povo em dar bens e de ajudar com alimentos também tem limite. E até porque muitas das doações foram para locais da Prefeitura, do governo do Estado, e eu particularmente tenho dificuldade de conseguir pegar e fazer com que esses alimentos cheguem nessas casas. Eu não consigo acesso nem tenho visto que a Prefeitura tenha conseguido se organizar para chegar em todas essas casas. Então isso me preocupa muito.

(Aparte antirregimental.)

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): Mas eu vou lá e não consigo pegar uma cesta básica para entregar numa casa. Não consigo. E essas pessoas também têm dificuldade de chegar lá e pegar porque eles não entregam. Essa é a grande dificuldade, e não estou nem falando mal do prefeito, mas o sistema público é lento e as pessoas estão passando necessidade, principalmente essas que estão nas casas de familiares.

A segunda fase, Bosco, é a logística. Essas pessoas, quando as águas baixarem, vão ter que retornar às suas casas que precisam ser limpas, e algumas não vão ter condições de voltar. Então nós temos que pensar na volta para casa, e, nessa volta também, como vamos desfazer os abrigos porque os abrigos estão em locais em que as pessoas – principalmente os voluntários – já estão chegando à exaustão, aos seus limites de doação do tempo, de suas vidas, de bens, de alimentos para manterem aquelas pessoas. Tem abrigos com 200, 300 pessoas e precisa-se dar alimentação para 200, 300 pessoas.

As pessoas estão recebendo três, quatro alimentações por dia e, muitas vezes, o alimento chega por doação. Mas também existem abrigos que estão em locais mais na periferia, e a pessoa não chega lá para doar, esses locais também têm dificuldade de receber o alimento da doação dos órgãos públicos.

E, depois disso, o que a gente faz com as escolas? Uma boa quantidade de escolas está recebendo esses abrigados e também está querendo voltar a dar aulas. Os próprios pais estão cobrando que essas crianças têm que ter aulas. Como nós vamos fazer essa retomada das aulas das escolas? Eu já fui cobrado por vários diretores de escolas particulares que estão dizendo: “Nós até gostaríamos de continuar ajudando, mas eu também tenho que voltar, os pais estão me cobrando que eu tenho que ter aula na minha escola, como é que eu faço? Os pais vão continuar pagando a escola sem ter aulas?” Os clubes que estão ajudando, que estão recebendo os desabrigados, até quando os associados dos clubes vão continuar pagando sem poderem usar os clubes?

Então, neste momento, nós temos que discutir e pensar. E não depende só dos vereadores. É um pepino para o prefeito, é um pepino para o governador, mas nós temos que achar soluções de como nós vamos resolver. Nós temos que buscar soluções, essa é a discussão que nós temos que fazer.

Depois, nós temos um terceiro momento, que é a volta das escolas e das atividades econômicas. Quantos empreendedores, quantos empresários que também perderam tudo? Como eles vão retomar suas atividades comerciais? Como a população vai retomar, Bosco, as atividades do cotidiano da cidade? Nós vamos precisar ajudar, vai ter que ter recurso. O prefeito não tem recurso para ajudar uma empresa a reabrir. Nós vamos precisar do Estado, vamos precisar do governo federal. Então, quando se fala que nós temos que ter uma discussão – governo municipal, governo estadual, governo federal – é mais que óbvio que o Município vai precisar. E esta Câmara Municipal de Porto Alegre, que é uma das várias cidades que estão afetadas, precisa buscar esse debate. Eu sou o presidente da Casa e me coloco à disposição de qualquer governo, de qualquer partido político que queira ajudar Porto Alegre. Nós estamos prontos para receber o governo do Estado, o governo federal, o governo municipal. Eu acho que nós estamos aqui para receber como eles vão nos ajudar a implementar a volta para casa, a volta das atividades econômicas, a volta das escolas.

Num quarto momento, que é uma coisa, que considero mais ampla ainda, a quarta fase disso tudo é como nós vamos refazer as cidades, a infraestrutura, as estradas, as ruas, as casas, porque nós temos hoje dificuldade de sair de Porto Alegre e chegar em uma outra cidade. Tem cidades que ficaram ilhadas; sem estradas, pontes, e toda essa infraestrutura os governos municipais não vão ter condições nem dinheiro para fazer. Então eu acho que nós aqui, como vereadores, independentemente de partido político, o temos que fazer é, sim, ver o que aconteceu de errado, se teve culpa de alguém, temos que discutir, mas nós temos que buscar soluções para resolver esse problema que é um problema de todos nós. E, nessa de buscar soluções, eu acho que ninguém tem partido político, todos nós temos de buscar o bem comum para a cidade de Porto Alegre, essa é a nossa função.

Ver. Idenir Cecchim, líder do governo, o senhor tem um tempo de 5 min. Desculpe se falei aqui, mas a gente também tem que fazer um desabafo. Eu também sou vereador, tenho sofrido, tenho trabalhado bastante tentando ajudar.

O Ver. Idenir Cecchim está com a palavra.

VEREADOR IDENIR CECCHIM (MDB): Presidente, meus queridos colegas vereadores, eu estou muito satisfeito com esta reunião, muito. Robaina, permita que eu dê o nosso exemplo. Nós brigamos ferrenhamente uma sessão antes de dar essa tragédia, nós brigamos antes, mas agora nós estamos juntos.

Gostei muito das intervenções de todo mundo da oposição e da situação. O Adeli se preocupando com os bancos, o Culau se preocupando com a cidade lá, e não vão ser 10 mil pessoas num lado só. Aliás, queria cumprimentá-lo, o senhor fez um vídeo muito bom com a deputada Bruna, pedindo calma, sem propaganda, fazer politicagem. Eu gosto de elogiar quando as coisas merecem ser elogiadas, e todos nós aqui estamos na mesma direção, Cassiá, estamos na mesma direção. O muro de proteção à cidade, por exemplo, é uma responsabilidade do governo federal, e quem fez sabe quem foi? Foi o pessoal da revolução, os generais. Foram eles que estudaram e fizeram esse muro da contenção das enchentes. Aí passamos nós, todos os democratas, de lá para cá e não reestudamos aquele projeto, nós não fomos atrás para ver se tinha falha ou não, nem os professores sabidos da UFRGS que agora que estão dando palpite. Vê se eles deram um palpite há cinco anos, há três anos, há quatro anos: “Olha, tem problema aí”. Não, não deram; agora eles sabem tudo.

Então nós temos responsabilidades de um sistema de contenção das enchentes feito pelo DNOS na época dos generais presidentes. Que bom que agora nós temos democratas defendendo o muro dos generais, que bom, estamos evoluindo.

Eu estou vendo pessoas da esquerda defendendo o Exército nacional, que bom que estão defendendo do Exército nacional agora, que bom. Porque, aliás, o Exército, na engenharia, é perfeito. Eles trabalham de uma maneira fantástica, fazem ponte, fazem estrada, fazem tudo. Mas não podem mandar os gurizinhos, coitados, sem treinamento nenhum no meio de uma enchente dessa e ficam com o caminhão no meio da enchente. Faltou treinamento, treinamento. Não é para mandar esses guris jovens, sem treinamento, atirá-los: “Ah, vão lá na enchente”. Aí chegaram aqui na enchente: “Ah, não, nós não recebemos ordem para ir lá”. Eles não são culpados, não adianta xingar essa gurizada nova que está servindo, os chamados recrutas. O Exército fez as pontes rapidinho lá em Arroio do Meio com Lajeado e está fazendo outras coisas, está projetando outras mais. Esse navio da Marinha demorou para chegar, mas chegou, esse, preparado. A Marinha é muito preparada para fazer esse tipo de trabalho que estão fazendo, todos nós.

Então para tranquilizar, Culau, a cidade não é para 10 mil pessoas. O prefeito já falou 10, 12, 15 vezes que não concorda com um monte de gente num lugar só, tem que dividir em três ou quatro lugares. Já tem sugestões, já está tratando com o secretário nacional da Defesa Civil que tem expertise nisso, como com o pessoal de Teresópolis, na Baixada Santista, que também ajudaram. Então o pessoal tem prática, e vamos deixar

isso para quem tem prática. Se é o governo federal, vamos ajudar para que o governo federal faça. Se é o estadual, vamos pedir para o governo estadual repartir um pouco da Defesa Civil com Porto Alegre.

E nós temos a obrigação de nos juntarmos, Robaina, oposição e situação. Eu volto a dizer: a reunião de hoje me deixou tranquilo. Eu sabia que todos nós, os 36, temos responsabilidade cívica, mas hoje aqui se demonstrou isso. As reivindicações, as sugestões, muitas delas podem não ser aceitas, ou serem impossíveis de realizar, mas todo mundo teve aqui hoje a vontade de servir a sua cidade. Eu acho que é isso que tem que nortear o nosso dia a dia da Câmara de Vereadores, não importa o local em que a gente esteja. Foi muito boa a reunião de hoje, Presidente, que oportunizou para que todo mundo falasse. Esse sistema de cinco minutos para cada um acho que está muito bom, todo mundo pôde participar, todo mundo pôde dar a sua opinião.

Agora, Bosco, quero te dizer que eu acredito no São Pedro. Giovani, eu não sei se você é ateu ou comunista – na origem do comunismo, era para ser ateu, não sei o que é. Eu acredito no São Pedro até porque ele é o padroeiro do Rio Grande, é padroeiro da Província de São Pedro. Ele deve ter puxado a orelha da gente aqui. Eu acho que o São Pedro mandou um recado, e vamos pedir para que ele nos dê uma compensação agora, que ele nos ajude. Obrigado.

PRESIDENTE MAURO PINHEIRO (PP): A sessão está encerrada. Muito obrigado a todos, obrigado à Amrigs.

(Encerra-se a sessão às 16h52min.)

(Os pronunciamentos desta sessão não foram revisados pelas oradoras e pelos oradores.)

* * * * *